

**Relatório de Estágio na Direção Regional de Cultura do Alentejo /  
CACMB, Ourique**

**Ricardo Nuno Neiva de Almeida**

**Relatório de Estágio de Mestrado em Arqueologia**

**Setembro de 2015**

Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Arqueologia realizado sob a orientação científica do Professor Doutor Rodrigo Banha da Silva, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, e da orientação técnica da Dra. Deolinda de Sousa Tavares, da Direção Regional de Cultura do Alentejo.

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO NA DIREÇÃO REGIONAL DE CULTURA DO  
ALENTEJO / CACMB, OURIQUE**

**RICARDO NUNO NEIVA DE ALMEIDA**

**PALAVRAS-CHAVE:** CACMB, cerâmica, decoração, impressões, estampilhas, Depósito  
Votivo de Garvão

O estágio realizou-se no Centro de Arqueologia Caetano de Mello Beirão (CACMB) a partir do dia 21 de outubro de 2014 e teve a duração de 6 meses. O programa aprovado para o estágio compreendia o levantamento e o estudo da decoração estampilhada do espólio cerâmico exumado do Depósito Votivo de Garvão em reserva no CACMB. Quase metade das cerâmicas inventariadas apresenta alguma forma de decoração e o estudo por mim efetuado incidiu sobre uma de entre as várias técnicas decorativas – a decoração impressa ou estampilha – visando ampliar os conhecimentos sobre esta técnica, bem como contribuir para o conhecimento sobre o DVG. O CACMB foi criado em setembro de 2009, por protocolo assinado entre o Município de Ourique, a Direção Regional de Cultura do Alentejo e a Universidade de Évora / Centro HERCULES, com o objetivo inicial de acolher, tratar e estudar o espólio do Depósito Votivo de Garvão. Posteriormente, o CACMB tem vindo a prestar apoio e serviços técnicos a outras entidades da região que são proprietárias ou responsáveis por acervos de bens arqueológicos e museológicos.

## **INTERNSHIP REPORT IN DRCA / CACMB, OURIQUE**

**KEYWORDS:** CACMB, ceramics, decoration, prints, stamps, Votive Deposit of Garvão

The internship was held at the Centro de Arqueologia Caetano de Mello Beirão (CACMB) from the day October 21, 2014 and lasted for six months. The program adopted for the internship included the survey and study the stamped decoration of ceramic assets exhumed the Votive Deposit of Garvão in reserve in CACMB. Nearly half of inventoried ceramics has some form of decoration and the study made by me focused on a between the various decorative techniques – printed decoration or stamp – aimed at increasing the knowledge about this technique, as well as contribute to the knowledge of the Votive Deposit. The CACMB was created in September 2009 by the protocol signed between the municipality of Ourique, the Direção Regional de Cultura do Alentejo and the University of Évora / HERCULES Center, with the initial objective of receiving, treating and studying the collection of the Votive Deposit of Garvão. Subsequently, the CACMB has provided support and technical services to other entities in the region that own or are responsible for collections of archaeological and museum assets.

## ÍNDICE

Introdução.....	1
1. O estágio.....	2
1.1. Sobre o Centro de Arqueologia Caetano de Mello Beirão .....	2
1.2. Trabalho prático desenvolvido durante o período de estágio.....	5
2. As estampilhas da Idade do Ferro: a coleção do CACMB .....	8
2.1. O Depósito Votivo de Garvão.....	8
2.2. Estado da questão: ensaio de síntese.....	12
2.3. Estudo das cerâmicas estampilhadas .....	18
2.3.1. Contexto do trabalho .....	18
2.3.2. Descrição.....	21
2.3.3. Discussão.....	28
2.3.3.1. Formas de estampilhas.....	29
2.3.3.2. Circunstâncias relacionadas com a aposição.....	34
2.3.3.3. Repetições de matrizes .....	40
2.3.3.4. Sobre os punções.....	45
2.3.3.5. Anotação final sobre impressões digitais .....	48
Conclusão .....	50
Bibliografia .....	53
Fontes.....	58
Lista de Figuras.....	60
Lista de Tabelas.....	61
Lista de Gráficos.....	62



## **LISTA DE ABREVIATURAS**

CACMB – Centro de Arqueologia Caetano de Mello Beirão

CEAACP – Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património

DRCA – Direção Regional de Cultura do Alentejo

DVG – Depósito Votivo de Garvão

IPPC – Instituto Português do Património Cultural

MAEDS – Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal

MNA – Museu Nacional de Arqueologia

SRAS – Serviço Regional de Arqueologia do Sul

## **Introdução**

O estágio, com a duração de 6 meses, realizou-se a partir do dia 21 de Outubro de 2014 e compreendeu um estudo sobre elementos decorativos da cerâmica da II Idade do Ferro do Depósito Votivo de Garvão (DVG). Esse estudo incidiu na decoração estampilhada das peças cerâmicas, tema que foi escolhido de acordo com os responsáveis pelo programa de estudo do DVG e com o prazo temporal disponível para o estágio.

O estudo das estampilhas serviu para acrescentar conhecimentos sobre o DVG. Os objetivos deste estudo foram: perceber o que se sabe sobre esta temática; perceber quais são as formas de estampilhas existentes nas cerâmicas do DVG e quantas peças deste conjunto possuem esta decoração; tentar perceber como as estampilhas foram aplicadas e de que são feitas as matrizes (se são de cerâmica, de madeira ou de metal). O espólio do DVG já foi alvo de outros estudos realizados mais recentemente, tais como duas teses de mestrado, uma sobre grandes contentores e outra sobre queimadores (Faia, 2012; Silva, 2012), ou, no Centro HERCULES, Universidade de Évora, sobre a composição mineralógica das peças cerâmicas e conteúdos que estas eventualmente possam ter tido.

Este relatório tem por objetivo apresentar o resultado do trabalho efetuado de levantamento das existências de decoração estampilhada no espólio do Depósito Votivo de Garvão, e a sua comparação com outros exemplares publicados.

A realização do estágio foi possível graças às condições criadas com a instalação do CACMB, com o objetivo de propiciar o estudo deste espólio e, eventualmente, outros da Região. Beneficiou também do apoio técnico e da disponibilidade demonstrada pela equipa do CACMB.



## 1. O Estágio

### 1.1. Sobre o Centro de Arqueologia Caetano de Mello Beirão

O CACMB é uma unidade de estudo e tratamento de espólios arqueológicos criada em Ourique em 2009, por um protocolo assinado entre a Direção Regional de Cultura do Alentejo, o Laboratório HERCULES da Universidade de Évora e o Município de Ourique.



Figura 1 – Centro de Arqueologia Caetano de Mello Beirão, rua Gago Coutinho, n.º 31, Ourique.

O CACMB foi criado sob o objetivo imediato de receber o espólio do Depósito Votivo de Garvão que se encontrava armazenado fora da região e sem condições de ser estudado e tratado. As condições de reserva qualificada, isto é, dotada de meios e

recursos técnicos, instaladas com este objetivo inicial, permitiram ao CACMB afirmar-se desde logo como uma unidade com capacidade para dar apoio técnico a outras entidades da região.

Cada uma das entidades subscritoras no protocolo compromete-se a objetivos específicos. À Câmara Municipal de Ourique, compete a disponibilização da infraestrutura, dos meios logísticos e alguns assistentes técnicos. A DRCA assegura a coordenação técnica, que é exercida pela Dra. Deolinda de Sousa Tavares. Além disso, participa nos objetivos do centro, promove e divulga o CACMB, os projetos e respetivos resultados, promove as condições que permitam o acolhimento de técnicos e cedeu à Câmara de Ourique alguns equipamentos de laboratório<sup>1</sup>. A Universidade de Évora compromete-se a promover e a divulgar o CACMB e respetivos projetos e a desenvolver estudos analíticos sobre o espólio arqueológico<sup>2</sup>. O CACMB tem contado também com CEAACP – Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património, da Universidade de Coimbra, como parceiro nos estudos da área da arqueologia.

Os objetivos estabelecidos para o CACMB no protocolo da sua criação distribuem-se, não só pelo campo do estudo e investigação científica, mas igualmente pelo da sua divulgação e da sensibilização dos diversos públicos para a importância e o interesse do conhecimento alcançado. Estes objetivos estão traçados nos vários projetos desenvolvidos ou em curso, nomeadamente, os projetos GODESS<sup>3</sup>, IMAGOS, ou o CSI Ourique (2010 a 2013) que visou a divulgação científica ao público em geral, incluindo um programa de atividades, no Centro, para crianças do ensino básico (Arqueosemana) e um programa de atividades para pessoas com necessidades especiais. Atualmente encontra-se em preparação uma exposição sobre o espólio do

---

<sup>1</sup> Fonte: Protocolo entre o Município de Ourique, a Direcção Regional de Cultura do Alentejo e a Universidade de Évora para o funcionamento do Centro de Arqueologia Caetano de Mello Beirão, cláusula 7.ª.

<sup>2</sup> Fonte: idem, cláusula 8.ª.

<sup>3</sup> Para mais informações consultar o site <http://www.hercules.uevora.pt/projetos/godess.php>.

DVG a ser apresentada no CACMB, com uma componente virtual que será também disponibilizada em Garvão.

A equipa nuclear do CACMB é coordenada pela Dra. Deolinda Tavares, da DRCA, e integra a Dra. Helena Vaz, conservadora-restauradora e bolseira de investigação FCT/DGPC/HERCULES, e, por parte do Município, a D. Madalena Brito, assistente operacional, e, recentemente, a Dra. Joana Inocêncio, arqueóloga e estagiária PEPAL. Mais recentemente, a criação da ATALAIA - Associação dos Amigos da Cultura e das Artes, que se constitui como um parceiro estratégico do CACMB, permitiu viabilizar alguns programas de apoio financeiro que tornaram possível a realização de planos de atividades, de outro modo inviáveis. Como exemplo, encontram-se neste momento a participar nas atividades do CACMB e integrados na sua equipa, quatro elementos, dos quais, dois licenciados e dois com o 12.º ano.

O CACMB tem realizado ações de sensibilização do público, em relação a este património, através de visitas com marcação ao Centro de Arqueologia. Promove também workshops, por exemplo, sobre conservação preventiva, técnicas de fotografia de registo e de ilustração científica ou introdução ao desenho arqueológico, e ainda seminários anuais, com temáticas relativas ao património e à cultura.

Em relação aos colaboradores, tanto contratados (a equipa residente) como estudantes (pontualmente, trabalho voluntário e a realização de duas teses de mestrado sobre material do DVG [Faia, 2012; Silva, 2012]), o CACMB tem funcionado como uma autêntica escola, formando pessoas com diferentes percursos académicos nas áreas da arqueologia e da conservação, sendo esta mais uma forma que o Centro tem de dar a conhecer ao público o património acolhido pela instituição.

## 1.2. Trabalho prático desenvolvido durante o período de estágio

Durante o estágio realizei um estudo sobre a decoração estampilhada em cerâmica do Depósito Votivo de Garvão, em reserva no CACMB. Para este estudo procedi à recolha de dados das cerâmicas estampilhadas, organizados em folha Excel, aos quais se junta um registro gráfico das formas decorativas estudadas. A pesquisa bibliográfica permitiu a contextualização do objeto de estudo, bem como o estabelecimento de paralelos entre a cerâmica estampilhada do DVG e cerâmica estampilhada de outros sítios arqueológicos (ver pág. 16).

Além do estudo, foi solicitada a minha intervenção em tarefas ocasionais que incluíram a ajuda no acondicionamento, na Reserva 2, no Centro de Arqueologia, de uma coleção doada por um particular ao Município de Ourique, ou o apoio a visitas guiadas no CACMB, explicando-se o que se faz no centro arqueológico. Numa dessas ocasiões os conhecimentos de inglês foram necessários por causa duma visita ao centro de duas turistas dinamarquesas. A Dra. Helena Vaz fez a visita guiada, contando com o meu auxílio em questões ligadas à arqueologia.

Também prestei assistência em eventos. A primeira situação foi a participação no seminário, que decorreu nos dias 5 e 6 de dezembro, “Cultura 2020 – antes agir que reagir” sobre as linhas orientadoras para a aplicação dos fundos do QREN no período 2014-2020, onde pontualmente, prestei assistência aos participantes do mesmo e ajudei na organização dos espaços para as mesas redondas e para a receção. Este tipo de evento, é realizado anualmente pelo CACMB. Para o seminário, o Cine-Teatro da Câmara de Ourique cede o anfiteatro. Os seminários contam com a participação de profissionais do património, nomeadamente arqueólogos, conservadores e curadores, fomentando a colaboração entre entidades da área patrimonial na região. Neste caso, o primeiro dia foi dirigido a várias alocações respeitantes ao tema da aplicação dos fundos do QREN destinados à cultura e património. No segundo dia realizaram-se duas mesas redondas sobre o mesmo tema, seguindo-se visitas guiadas ao Museu da Escrita do Sudoeste e a Mesas do Castelinho, no conselho de Almodôvar. Para além destas iniciativas, o CACMB promove workshops que visam sobretudo a área da conservação como, por exemplo, a preservação de espólio arqueológico em metal. Também presta

seviços de conservação e restauro para outras instituições como foi o caso de uma cota de malha do século XIV pertencente ao Museu da Real Coudelaria de Alter<sup>4</sup>.

A segunda situação foi a participação num evento da ATALAIA. A ATALAIA – Associação dos Amigos da Cultura e das Artes, trata-se de uma associação cujo objetivo é divulgar e promover a cultura do Alentejo<sup>5</sup>, colaborando de forma estreita com o CACMB e permitindo ao Centro um maior contacto com o público, nomeadamente da localidade onde se insere. Esta colaboração pode resultar na participação em eventos do concelho como as festas de Santa Maria, às quais se associa a ATALAIA ou em eventos organizados pela própria associação. O pessoal do Centro participa nesses eventos. Numa dessas situações, um baile de Carnaval que decorreu no Centro de Convívio da Câmara de Ourique, o pessoal do CACMB, onde estive incluído, ajudou a organizar a festa do ponto de vista logístico e da assistência ao público. No meu caso, ajudei na bilheteira.



Figura 2 – Cartaz de promoção ao seminário organizado pela DRCA/CACMB sobre os fundos do QREN para o período 2014-2020.

<sup>4</sup> Fonte: Rádio Pax. Disponível em <http://www.radiopax.com/index.php?go=noticias&id=1787>.

<sup>5</sup> Fonte: ATALAIA. Disponível em <http://atalaiaartes.weebly.com/>.

As tarefas atrás mencionadas, permitiram que eu tivesse outras experiências para além do estudo em arqueologia, nomeadamente no contacto com o público. Em arqueologia, como em outras disciplinas do conhecimento, o contacto com o público é importante porque permite a este o acesso a informação científica.



A estrutura onde se encontra o Depósito Votivo de Garvão (DVG) consiste numa fossa de forma oval, com 10 m de comprimento por 5 m de largura máxima. Do lado da vertente é delimitado por rocha escavada, sendo delimitado também por um murete constituído por blocos e lajes de xisto e terra amassada. O depósito foi coberto por uma camada de cerâmica quebrada, blocos de quartzo e terra. Na base do depósito foi encontrada uma caixa onde se encontrava um crânio com vestígio de trepanação, bem como cerâmica pisada e ossos de animais (Beirão *et al.*, 1985: 45). Os ex-votos consistem, sobretudo, em objetos cerâmicos, algumas contas de vidro e alguns objetos metálicos, nomeadamente placas oculadas em ouro e prata. Em relação aos objetos cerâmicos, estes foram arrumados de forma a aproveitar-se tanto quanto possível o espaço. Dentro dos grandes contentores encontram-se os mais pequenos, arrumados uns dentro dos outros. A maioria da cerâmica consiste em tijelas feitas a torno.

Na escavação, realizada em 1982, o sítio foi dividido em seis sectores<sup>6</sup>, subdivididos por 25 quadrados de 1 m<sup>2</sup> cada (Beirão *et al.*, 1985: 54). A camada que corresponde ao depósito foi nomeada como C.3, nos sectores 1, 2 e 3 (plataforma inferior) e como C.5 nos sectores 4 e 5 (plataforma superior)<sup>7</sup>. As camadas inferiores ou são estéreis ou contêm vestígios púnicos, da Idade do Bronze e indeterminados. As camadas superiores correspondem à Idade do Ferro, ao período romano e às épocas medieval e moderna (Beirão *et al.*, 1985: 56).

Atualmente a maioria do espólio escavado encontra-se no CACMB, enquanto outra parte encontra-se no MAEDS – Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal e no MNA – Museu Nacional de Arqueologia.

---

<sup>6</sup> No entanto, numa planta do sítio arqueológico, sem data, guardada no laboratório do CACMB, surgem oito setores.

<sup>7</sup> As plataformas devem-se à organização em socalco do terreno, sendo que a plataforma inferior encontra-se ao nível da rua. Daí nos setores 4 e 5, a camada correspondente ao depósito ser a C.5, graças a uma maior potência estratigráfica (N. do T.).



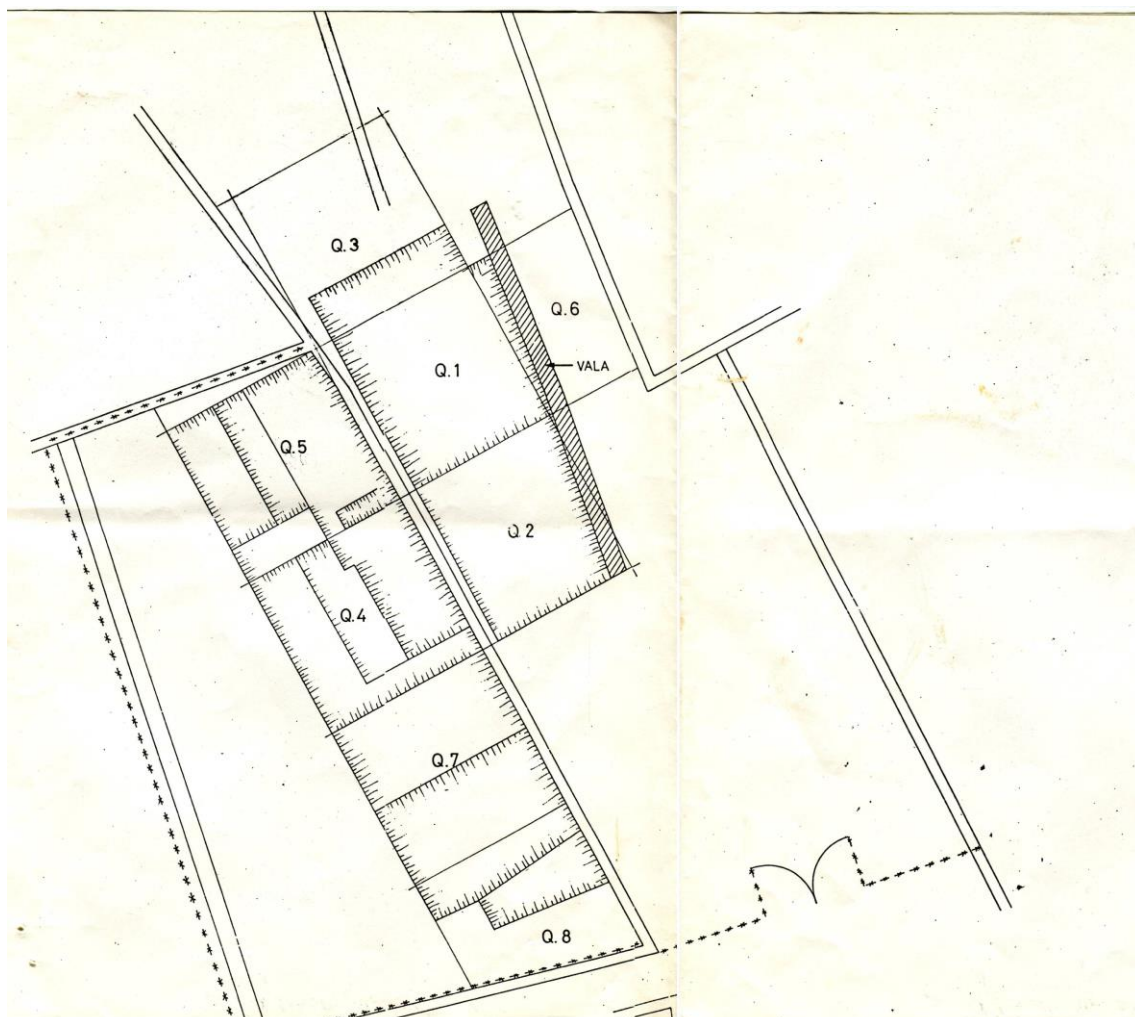


Figura 4 – Planta descrevendo a organização em setores do sítio arqueológico do Depósito Votivo de Garvão (s/d).

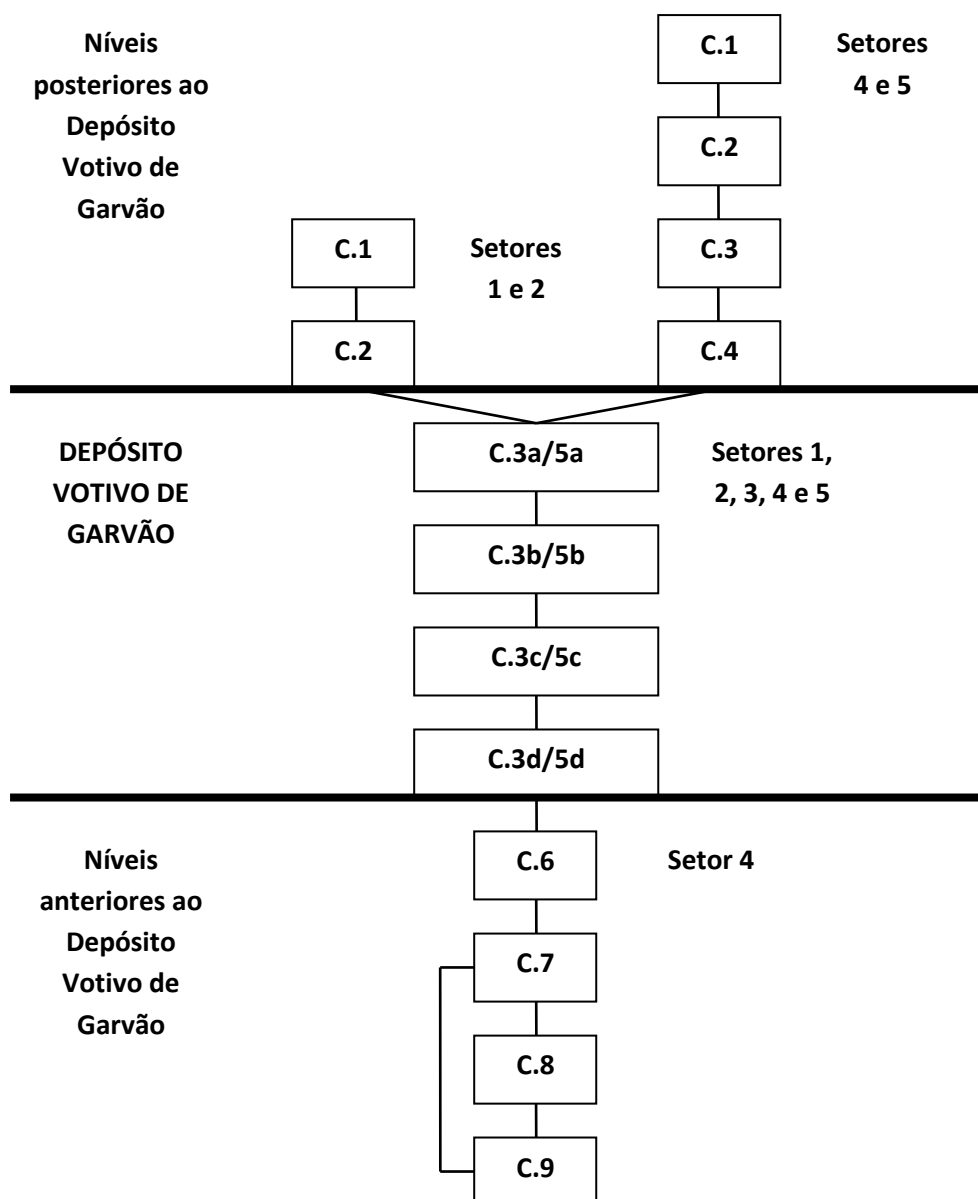


Figura 5 – Matriz de Harris do sítio de Garvão baseada em Beirão *et al.*, 1982, 56 a 60<sup>8</sup>.

<sup>8</sup> Em etiquetas com dados referentes às unidades estratigráficas, algumas mencionam outras camadas além das que surgem no artigo sobre a escavação do DVG em 1982. Sobre este esquema da disposição das unidades estratigráficas, existe uma questão relativamente aos níveis posteriores ao Depósito Votivo e que se prende com as relações entre as camadas. Por exemplo, qual a relação entre a camada 1, setores 1 e 2 e a camada 3, setores 4 e 5 ou a relação entre a camada 2, setores 1 e 2 e a camada 4, setores 4 e 5? A camada 3, setores 4 e 5 sobrepõe-se só à camada 4 (sendo que esta última tem uma inclinação de c. 40º - 45º [Beirão *et al.*, 1982: 56]), ou também sobrepõe-se à camada 2, setores 1 e 2?

## 2.2. Estado da questão: ensaio de síntese

As estampilhas resultam da aplicação de punções manufaturadas, diferentes da decoração realizada com objetos simplesmente coletados, quanto muito apenas afeiçoados. Uma parte da cerâmica do DVG, sobretudo de fabrico manual (sem torno), apresenta esta forma de decoração – por punção – consistindo em elementos muito provavelmente malacológicos, mas sobretudo em elementos de difícil identificação (ossos ou outros objetos de natureza diversa) ou de origem vegetal, como paus, sementes de cereais ou, talvez, cápsulas (frutos) de malvas e estevas. As formas cerâmicas que apresentam esta decoração são variadas, constituídas por taças, vasos, queimadores, testos e cossoiros, representando várias tipologias, desde os grandes contentores sidéricos, passando pela cerâmica ibérica.

Um caso de cerâmica estampilhada é a “urna” de orelhetas, que se encontra atualmente no Museu Nacional de Arqueologia (MNA), sendo que vários fragmentos se encontram no Centro de Arqueologia Caetano de Mello Beirão (CACMB)<sup>9</sup>. A peça possui forma ovóide, asas verticais decoradas localizadas na zona da pança e está acompanhada de testo com forma cônica, possuindo este uma pega com a forma de uma cabeça antropomórfica. Segundo a classificação proposta por Carlos Fabião<sup>10</sup>, esta peça pertence ao grupo IV por combinar decoração estampilhada e decoração pintada. As estampilhas consistem em losangos preenchidos por padrão pontilhado. A pintura é composta por bandas, filetes e padrões de traços cruzados de cor vermelha (Beirão *et al.*, 1985: 69).

Outra situação é a de uma taça que se encontra no CACMB, marcada com o número de inventário DGA 2299. Esta forma, também do grupo IV, segundo Carlos

---

<sup>9</sup> Segundo o Decreto-Lei n.º 164/2014, de 4 de novembro, artigo 18.º, n.º 7, alínea e, quando a DGPC determina “o local de incorporação definitiva do espólio no prazo de cinco anos após o depósito”, tem em conta vários critérios e um deles é o “da não dispersão de espólios provenientes de um mesmo sítio arqueológico”. O caso da “urna” de orelhetas não é único, existindo, pelo menos, mais uma situação do género em relação ao DVG.

<sup>10</sup> No volume 2, das páginas 79 a 107 da tese, Carlos Fabião dedica um capítulo à questão da cerâmica estampilhada e elabora uma forma destas peças serem organizadas (Fabião, 1998).

Fabião (1998), possui reduzidas dimensões, com um diâmetro de boca de 12 cm. As estampilhas consistem em três rosetas no interior. A superfície exterior da taça está pintada a vermelho, existindo pintura a vermelho também no interior que se apresenta neste caso sob a forma de bandas e filetes, desde o bordo até quase ao centro, rodeando as rosetas. Esta forma, pelas suas características, poderá eventualmente pertencer a um conjunto cerâmico, definido por del Amo como imitações de má qualidade, provenientes de Ibiza, de peças campanienses (Amo de la Hera, 1970: 221). A taça corresponde ao objeto da forma 27a, de Lamboglia (Lamboglia, 1952: 176). A maioria dos casos pertence, no entanto aos contentores de grandes dimensões, de torno lento.

Para a origem da decoração estampilhada existem duas versões, nas quais uma diz que a origem desta forma de decoração seria exógena, surgindo a norte dos Alpes e avançado para diversas zonas da Europa a partir daí, sendo que a influência inicial partiu da cerâmica grega (Kimmig, 1974 *apud* Gamito, 1996b: 114), e outra que consiste num conjunto de propostas que dizem que a origem desta decoração seria endógena (Fabião, 1998, II: 80).

De qualquer forma, na Península Ibérica existem duas grandes áreas para a decoração estampilhada, uma central que vai desde o vale do Ebro até ao Alentejo e Andaluzia e a outra localizada no Noroeste peninsular (Gamito, 1996b: 113). A decoração estampilhada, que surge neste trabalho como objeto de estudo, pertence ao conjunto da cerâmica estampilhada do Sudoeste da Península Ibérica.

Em relação às estampilhas do Sudoeste, foram detetados vestígios em várias localidades do sul de Portugal, sobretudo no Alentejo.

Em Castelo Velho de Veiros, Estremoz, detetaram-se à superfície fragmentos de cerâmicas estampilhadas, dois com palmetas, um com uma forma rectangular e outro com uma forma quadrada, preenchidas por quadrícula, um com uma forma triangular, um com uma forma trapezoidal e um com uma forma circular e ainda uma forma com pontilhado oblíquo e duas com matriz cruciforme, num dos estratos da Idade do Ferro (Arnaud, 1968: 69-71; 1970: 314-317; Arnaud e Gamito, 1974-77: 194).

No Alto do Castelinho da Serra, Montemor-o-Novo, foram encontrados fragmentos com estampilhas de forma quadrada e de forma circular. As formas circulares incluem as rosetas (Gibson *et al.*, 1998: 194 e 237).

Em Baldio, Arronches, foram encontrados fragmentos com círculos radiados, motivos de palmeta e SS (Arnaud e Gamito, 1974-77: 193).

Em Cabeço de Vaiamonte, Monforte, acharam-se fragmentos com formas triangulares, circulares, espiraladas, quadradas, em grelha, cruciformes e constituídas por palmetas acompanhadas de grinaldas (Arnaud e Gamito, 1974-77; Fabião, 1998, II: figs. 54-59 e fig. 63).

Na Casa da Moinhola 3, Alandroal, foram encontrados vestígios de estampilhas com forma raiada (Calado *et al.*, 2007 *apud* Estrela, 2010, II: 19).

No Castelo das Juntas, Moura, achou-se um fragmento de cerâmica estampilhada (Albergaria *et al.*, 2000: 48).

Em Castelo Velho de Cobres/Montel, Castro Verde, foram encontrados fragmentos de cerâmica estampilhada, com palmetas e círculos raiados (Arnaud e Gamito, 1974-77: 195).

Em Castelo Velho de Safara, Moura, acharam-se cerâmicas com palmetas, formas quadradas, SS e “pontilhados oblíquos” (Arnaud e Gamito, 1974-77: 193).

No Castro de Chibanes, Palmela, foram encontrados fragmentos de cerâmica com estampilhas circulares, retangulares, quadradas, bitriangulares e em “escudete” (Costa, 1910: 63-64; Arnaud e Gamito, 1974-77: 195). Relativamente à forma bitriangular (Costa, 1910: IV, fig. 472; Cardoso, 2004: 273, fig. 209), esta apresenta grande semelhança com as estampilhas da “urna de orelhetas” (DGA 2449).

No Cerro Furado 1, Baleizão, encontraram-se dois fragmentos de cerâmica clara, um com matriz em ferradura e o outro com duas fiadas de círculos concêntricos (Arnaud e Gamito, 1974-77: 195).

No Cerro da Vila 1/Cerca do Adro, Ourique, encontrou-se cerâmica estampilhada pintada<sup>11</sup>.

Na Igreja de Nossa Senhora da Vila Velha, Fronteira, foram encontradas cerâmicas de matrizes impressas<sup>12</sup>.

Na Lapa do Fumo, Sesimbra, foram encontrados dois fragmentos de cerâmica com uma matriz zoomórfica (Arnaud e Gamito, 1974-77: 195).

Em Malhada do Biterres 2, Beja, encontraram-se vários fragmentos cerâmicos com estampilhas, incluindo um fragmento tipo Kuass com palmeta<sup>13</sup>.

Em Malhada dos Gagos 13, Reguengos de Monsaraz, encontraram-se fragmentos com estampilhas de forma quadrada (Calado *et al.*, 1999: 382; Calado, 2002: 125-126).

Em Miróbriga, Santiago do Cacém, foram encontrados fragmentos de cerâmica com formas quadradas, retangulares, losangulares, circulares, triangulares e ogivais (Soares e Silva, 1979: 161, 165, 166, Est. III, n.º 26 a 30 e Est. IV, n.º 31 e 32).

No Monte da Tapada 39, Portel, encontraram-se estampilhas de forma triangular/subtriangular (Calado *et al.*, 2007 *apud* Estrela, 2010, II: 19).

Na Pedra da Atalaia, Santiago do Cacém, foram encontradas formas eventualmente em escudete e uma forma circular (Silva, 1978: 124, Est. II, n.º 2 e Est. VI, n.º 65).

Em Pisões 5, Beja, encontrou-se cerâmica estampilhada com “círculos concêntricos”<sup>14</sup>.

---

<sup>11</sup> Fonte: DGPC / Portal do Arqueólogo / Cerro da Vila 1/Cerca do Adro. Disponível em <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=165989>.

<sup>12</sup> Fonte: DGPC / Portal do Arqueólogo / Igreja de Nossa Senhora da Vila Velha. Disponível em <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=57403>.

<sup>13</sup> Fonte: DGPC / Portal do Arqueólogo / Malhada do Biterres 2. Disponível em <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=3021027>.

<sup>14</sup> Fonte: DGPC / Portal do Arqueólogo / Pisões 5. Disponível em <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=3021515>.

No Povoado da Herdade do Pomar, Aljustrel, encontrou-se um fragmento de cerâmica estampilhada com formas concêntricas em ângulo (Parreira e Berrocal, 1990: 48, fig. 7, n.º 30-2).

No Povoado das Mesas do Castelinho, Almodôvar, encontrou-se cerâmica com estampilhas, com matrizes que incluem formas quadradas, formas retangulares, rosetas, palmetas e círculos concêntricos (Fabião, 1998, II: 93, 94 e 106, figs. 60-63).

Em Safarejo, Moura, encontraram-se cerâmicas impressas com matrizes em palmeta, em dupla espiral e bitriangulares (Arnaud e Gamito, 1974-77: 195).

Em Segóvia, Elvas, foi descoberta cerâmica com estampilhas de forma circular, retangular, em escudete e triangular. Uma das matrizes em escudete ostenta desenho zoomórfico (Arnaud e Gamito, 1974-77: 194).

Em Serpa 1, foi encontrada cerâmica estampilhada<sup>15</sup>.

No Castelo de Serpa, foi encontrada cerâmica com estampilhas de forma triangular, circular, quadrada e em escudete (Braga e Soares, 1981: 116, 119, 120 e 123; Soares e Braga, 1986: 186, 187, 196 e 197).

Em Sete Fráguas, Monforte, encontrou-se cerâmica estampilhada (Gamito, 1996b: 116).

No artigo “Depósito votivo da II Idade do Ferro de Garvão” (Beirão *et al.*, 1982), são referidas algumas das cerâmicas estampilhadas do DVG. Uma das peças referidas é a “urna” de orelhetas (Beirão *et al.*, 1982: 69), mencionada anteriormente neste texto (ver pág. 11). Outra peça que vem no artigo, é uma tampa ou testo, feita sem recurso a torno (Beirão *et al.*, 1982: 76). A decoração estampilhada é composta por quatro matrizes diferentes que preenchem a superfície, além de um padrão inciso<sup>16</sup>. As outras situações consistem em fragmentos de grandes contentores e num fragmento de bojo pintado (Beirão *et al.*, 1982: 76-81). No caso dos fragmentos com bordo dos grandes

---

<sup>15</sup> Fonte: DGPC / Portal do Arqueólogo / Serpa 1. Disponível em <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=56933>.

<sup>16</sup> Além da “urna” de orelhetas, os fragmentos deste testo estão repartidos entre o MAEDS – Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal e o CACMB. Esta situação contraria o disposto no Decreto-Lei n.º 164/2014, de 4 de novembro, artigo 18.º, n.º 7, alínea e (ver nota de rodapé, pág. 11).

contentores, é possível verificar que as estampilhas estão organizadas em, pelo menos, uma fila que se encontra imediatamente abaixo do ombro das peças. Um dos grandes contentores (Beirão *et al.*, 1982: 82) inclui duas figuras antropomórficas e pintura a vermelho.



## 2.3. Estudo das cerâmicas estampilhadas

### 2.3.1. Contexto do trabalho

O estudo das cerâmicas estampilhadas foi realizado no âmbito deste estágio, sendo este o principal trabalho por mim realizado no CACMB – Centro de Arqueologia Caetano de Mello Beirão. O estudo foi desenvolvido no laboratório, sendo o objeto de estudo a cerâmica estampilhada do Depósito Votivo de Garvão (DVG) inventariada. A cada peça em inventário na Reserva 1 do CACMB foi dado um número, antecedido pelas letras DGA, acrónimo para “Depósito de Garvão”. Cada número de inventário está associado a um conjunto de dados que descrevem a peça e a estratigrafia, entre outros. Uma cópia desses dados, organizados em folha Excel, foi-me cedida para servir como ferramenta de trabalho.

Para este estudo, procedi à recolha de dados das cerâmicas estampilhadas, com base sobretudo na observação direta das mesmas, servindo a folha Excel sobretudo para se saber quais são os números de inventário que correspondem às peças com estampilhas. Os dados recolhidos foram organizados também em folha Excel, utilizando os números de inventário atribuídos às cerâmicas estudadas como forma de identificação. Para além desta recolha de dados, realizei uma pesquisa bibliográfica para perceber melhor o contexto do objeto de estudo e procedi ao desenho de todas as decorações estampilhadas, e outras formas decorativas que eventualmente acompanhem as estampilhas. Para os desenhos usei folhas de acetato, desenhando por cima da decoração de forma a conseguir ser o mais exato possível. Estes desenhos não servem apenas como mostruário da decoração estampilhada. Neste trabalho foram úteis para se perceber, através da sobreposição, quais as situações em que se repete a utilização de uma mesma matriz em várias peças cerâmicas. Os desenhos poderão vir a ser integrados nos elementos gráficos da exposição que será realizada brevemente no CACMB.

Em relação à folha Excel com a compilação dos dados por mim recolhidos sobre as cerâmicas estampilhadas<sup>17</sup>, esta é composta pelos seguintes campos:

DGA – para identificação dos objetos estudados;

Informação etiquetas – contém os dados recolhidos nos trabalhos arqueológicos efectuados no sítio do Depósito Votivo, referentes aos artefactos visados neste estudo (quadrículas, U.E., cotas, etc.);

Manual/Torno – para identificar a forma como os objetos foram manufaturados (manualmente, a torno ou a torno lento);

Tipologia – para se classificar tipologicamente as cerâmicas<sup>18</sup>;

Forma – para se saber, quando tal é possível, se a peça é uma taça, um vaso contentor ou um testó;

Descrição da forma;

Perfil completo – se uma peça tiver perfil completo (presença de bordo, bojo e base) tal encontra-se assinalado;

Fragmentada – se uma peça está fragmentada, tal encontra-se assinalado;

Superfície – descrição da superfície das cerâmicas;

Coloração – descrição da cor das cerâmicas;

Diâmetro do bordo;

Distância das impressões ao bordo;

Tipo – existem quatro destes campos já que uma mesma peça deste espólio pode apresentar até quatro matrizes diferentes. Nestes campos estão descritas as estampilhas;

Diâmetro/altura – dimensões das estampilhas. Existem quatro campos destes, pelo motivo atrás mencionado;

---

<sup>17</sup> Na introdução referi que o âmbito do estudo da decoração do espólio do DVG se circunscrevia às estampilhas. No entanto recolhi dados sobre peças com outros tipos de impressões, apresentados neste trabalho em apêndice.

<sup>18</sup> Para a tipologia, usei a proposta de Carlos Fabião (1998, 80).

Desenho – existem quatro destes campos;

Formas estampilhas – dois campos para a classificação tipológica das matrizes, um com a proposta de Beirão *et al.* (1982) e o outro com a proposta de Ruiz Rodríguez e Nocete Calvo (1981);

Localização – onde se encontra a decoração impressa relativamente às peças;

Descrição localização – como estão dispostas as impressões;

Outra decoração – outras técnicas decorativas que eventualmente acompanhem as estampilhas;

Composição – descrição esquemática mostrando como a decoração se encontra disposta;

Notas;

Paralelos – subdividido em quatro campos onde se assinalam eventuais paralelos com o caso do Depósito Votivo e respetiva bibliografia.

### 2.3.2. Descrição

As cerâmicas estampilhadas do Depósito Votivo de Garvão em reserva no CACMB e objeto deste estudo, compõem-se de 220 entradas. No entanto, há algumas ressalvas a fazer em relação a este número. Em primeiro lugar, cada entrada não corresponde necessariamente a um número de inventário, havendo casos de fragmentos de números diferentes pertencentes a uma mesma peça. Outras situações são a de fragmentos de um mesmo número de inventário que afinal pertencem a peças diferentes. Em segundo lugar, a maior parte das entradas dizem respeito a apenas um ou mais fragmentos. Decorre daí que haverá situações de peças cujos fragmentos pertencem a números de inventário diferentes, não havendo, no entanto confirmação da sua ligação. Assim pode haver duplicação de entradas.

Em relação ao tipo de peça, a maioria não recebeu classificação, ou seja, 155 entradas ou DGAs (como atrás referido, DGA diz respeito a um número de inventário e significa “Depósito de Garvão”. Por exemplo, “DGA 1”). Não se pode dizer com segurança se estas cerâmicas são taças ou vasos ou, eventualmente, outra forma. Uma das entradas diz respeito a um queimador (DGA 1594/1628), oito dizem respeito a taças, duas referem-se a testos e as restantes (55 entradas) referem-se a vasos.

Doze registos referem-se a peças pintadas. Segundo Carlos Fabião (1998: 80 e ss.), estas cerâmicas pertencem ao grupo IV, caracterizado pela combinação de decoração estampilhada e decoração pintada. O conjunto é descrito no quadro que se segue<sup>19</sup>:

DGA	Forma de manufatura	Forma <sup>20</sup>	Diâmetro boca
416	Torno lento	Vaso	0,35 m
2203/2204	Torno	Vaso	0,24 m

---

<sup>19</sup> Uma descrição mais pormenorizada ver no anexo deste relatório.

<sup>20</sup> Classificação das formas segundo COSTA, Paulo Ferreira da (coord.) (2007) Normas de inventário – cerâmica utilitária (arqueologia), Instituto dos Museus e da Conservação, p. 67 e ss.

2218	Torno	Vaso	-
2252	Torno	-	-
2299	Torno	Taça	0,12 m
2441	Torno	-	-
2449	Torno	“Urna” de orelhetas	-
2578	Torno	Vaso	-
2854/2855/2856	Torno lento	Vaso	0,42 m
2965	Torno	-	-
3007	Torno	-	-
3059	Torno	Vaso	-

Tabela 1 – Cerâmica estampilhada do grupo IV.

A primeira peça desta tabela (DGA 416) tem feitio ovóide, base plana, colo curto e bordo extrovertido. A cozedura é oxidante. Para além das estampilhas e dos semicírculos e traços ondulados pintados em vermelho, este artefacto apresenta decoração coroplástica, consistindo esta em duas figuras antropomórficas. Uma das figuras surge na parte exterior do vaso, com a cabeça colocada sobre o bordo, como se estivesse espreitando para o lado de dentro. As estampilhas estão organizadas em fila, rodeando a peça e colocadas imediatamente abaixo do ombro. São acompanhadas por duas linhas incisas, em cima e em baixo.

A segunda peça (DGA 2203/2204) tem forma ovóide e bordo extrovertido. A cozedura é oxidante. Possui decoração pintada policroma, a vermelho e preto, que surge sob a forma de bandas e filetes a rodearem toda a peça. As estampilhas estão colocadas no ombro, organizadas numa fila a rodear a cerâmica.

O DGA 2218 possui bordo extrovertido e a cozedura é oxidante. Apresenta pintura policroma sob a forma de bandas a vermelho e filetes a preto que rodeiam a peça. Imediatamente abaixo do colo estão duas filas de estampilhas, acompanhadas por três filetes pretos.

O DGA 2252 apresenta-se muito fragmentado. A cozedura é oxidante. O bordo que compõe o conteúdo deste número de inventário é extrovertido e possui colo curto. Os outros fragmentos apresentam pintura a vermelho sob a forma de bandas e de círculos e semicírculos concêntricos.

O DGA 2299 (ver pág. 12) consiste numa taça com forma em calote. Possui pé destacado e côncavo. Trata-se de um objeto de pequenas dimensões, de cozedura oxidante. O exterior da peça é coberto por uma pintura a vermelho, enquanto no interior a pintura apresenta-se sob a forma de bandas e filetes também a vermelho. No fundo estão colocadas três estampilhas.

O DGA 2441 é composto por dois fragmentos do bojo. Apresentam uma banda preta e a cozedura é oxidante.

O DGA 2449 corresponde à “urna” de orelhetas ou, pelo menos, a alguns fragmentos do bordo e do bojo, sendo que grande parte da peça encontra-se restaurada no Museu Nacional de Arqueologia. Esta cerâmica compõe-se de duas partes: o contentor, de forma ovóide, decorado com bandas e traços pintados em vermelho, para além de três filas de estampilhas distribuídas ao longo da peça, rodeando-a. Possui duas asas decoradas com pastilhas e traços incisos (Beirão *et al.*, 1982: 69) e dois relevos para ajudar ao encaixe com a tampa; o testo, de forma troncocónica, decorado com bandas e filetes pintados em vermelho, dois relevos que completam os existentes no contentor e uma pega com a forma de uma cabeça humana.

O DGA 2578 é um vaso muito fragmentado de paredes finas e de cozedura oxidante. A pintura é constituída por bandas a vermelho, presentes por toda a peça. Uma fila de estampilhas rodeia a cerâmica.

O DGA 2854/2855/2856 encontra-se fragmentado, possuindo bordo extrovertido, lábio em bisel e colo curto. A cozedura é oxidante. Apresenta brunimento

tanto no interior como no exterior. Está decorado com duas filas de estampilhas, acompanhadas por uma banda pintada em vermelho.

O DGA 2965 apresenta somente um fragmento do bojo. A cozedura é oxidante. No fragmento surgem duas estampilhas acompanhadas por uma banda pintada vermelha.

O DGA 3007 é composto por três fragmentos, um dos quais apresenta arranque de bordo. A cozedura é oxidante. Todos os fragmentos possuem estampilhas. No fragmento com arranque de bordo, as estampilhas estão acompanhadas por banda pintada vermelha.

O DGA 3059 é constituído por três fragmentos do bojo que ligam entre si. Apresentam colo e a cozedura é oxidante. A decoração é elaborada, sendo constituída por uma fila de estampilhas, cordão e bandas pintadas em vermelho e preto.

Nove registos dizem respeito a cerâmica de torno de paredes finas. Este conjunto (o qual optei por enquadrar no grupo V, considerando os critérios de Carlos Fabião [1998, II: 101-103]) é composto por peças com características morfológicas diversas entre si. São apresentadas no quadro que se segue:

<b>DGA</b>	<b>Forma de manufatura</b>	<b>Forma</b>	<b>Diâmetro boca</b>
2750	Torno	Taça	0,135 m
2798	Torno	Vaso	-
2964	Torno	-	-
3005	Torno	-	-
3006	Torno	-	-
3009	Torno	-	-
3010	Torno	-	-
3011	Torno	Vaso	0,24 m

3016	Torno	-	-
------	-------	---	---

Tabela 2 – Cerâmica estampilhada do grupo V.

O DGA 2750 apresenta bordo direito e uma aplicação plástica em forma de aba próxima deste, rodeando a peça. Na aba e abaixo desta encontram-se duas filas de estampilhas. A superfície exterior da peça apresenta-se brunida.

O DGA 2798 apresenta parede fina. Encontra-se rodeado por duas filas de estampilhas.

O DGA 2964 consiste apenas em dois fragmentos do bojo, com paredes finas.

O DGA 3005 é também constituído por apenas dois fragmentos do bojo apresentando características similares aos dois DGAs anteriores.

O DGA 3006 é constituído por três fragmentos, apresentando uma coloração mais escura, avermelhada. Um conjunto de estampilhas encontra-se posicionado ao longo de canelura.

O DGA 3009 consiste em dois fragmentos de asa em rolo e num fragmento da parede. Ambos os elementos encontram-se preenchidos por rosetas. A cerâmica apresenta coloração bege.

O DGA 3010 é constituído por múltiplos fragmentos que incluem um de asa em rolo. Possui algumas características em comum com o número anterior tais como paredes finas, a forma da asa e as rosetas com um padrão similar de distribuição, exceto na asa onde não existem estampilhas.

O DGA 3011 apresenta colo curto, bordo extrovertido e paredes finas, bem como coloração bege. É constituído por um fragmento maior de bojo e bordo e por três pequenos fragmentos da parede. Aparenta ser rodeado por duas filas de rosetas, colocadas no ombro.

O DGA 3016 é constituído por um fragmento de cerâmica cinzenta. A decoração é composta por um cordão decorado por traços incisos em espinha que acompanha uma fila de rosetas.



Seis entradas referem-se a grandes contentores manufacturados a torno lento, genericamente designados de “taças”<sup>21</sup>. As seis entradas são apresentadas na tabela a seguir:

DGA	Diâmetro boca
770	0,475 m
2453	0,195 m
2587	0,425 m
2767	-
2787	0,525 m
2852	0,32 m

Tabela 3 – Grandes contentores a torno lento estampilhados.

Todas as peças cerâmicas referentes a estes DGAs têm em comum a presença das estampilhas na parte superior e, em alguns casos, junto ao bordo.

O DGA 770 possui forma elipsóide, base plana e bordo espessado. A superfície externa encontra-se bem alisada.

O DGA 2453 é constituído por múltiplos fragmentos. Apresenta bordo direito e lábio plano. A superfície exterior é alisada e apresenta engobe de coloração cinzenta.

O DGA 2587 consiste num fragmento com bordo direito e lábio plano.

O DGA 2767 consiste num fragmento que apresenta bordo direito, lábio em bisel e asa em fita elaboradamente moldada. A superfície exterior é brunida.

Os DGAs 2787 e 2852 são ambos constituídos por um fragmento com bordo direito. O primeiro apresenta algum brunimento, enquanto o segundo apresenta a superfície áspera. Ambos apresentam uma coloração acastanhada.

---

<sup>21</sup> Ver pág. 19, nota 21.

Para além dos conjuntos citados anteriormente, destaca-se um grupo de peças com características em comum. As peças desse conjunto, constituído por 41 entradas, regra geral são de torno lento. Quando existe bordo, este é extrovertido e, em muitos casos, as peças possuem colo curto. Geralmente a superfície externa apresenta-se brunida. Em seis situações (DGAs 2588, 2589, 2679, 2764, 2790 e 2806) as cerâmicas apresentam engobe acinzentado (Arnaud e Gamito, 1974-77: 174).

### 2.3.3. Discussão

Neste capítulo serão esplanadas as questões que se puseram neste registo e estudo das estampilhas da cerâmica inventariada do Depósito Votivo de Garvão em reserva no CACMB. Como referido, foram contabilizadas 220 peças que apresentam esta técnica decorativa. Como está explicado no ponto anterior, as peças estampilhadas existem em diversas tipologias, não só em relação à funcionalidade, mas também em relação à forma de manufatura. De referir que algumas peças a torno de paredes finas que combinam a decoração estampilhada com pintura, segundo Carlos Fabião, apresentam uma origem geográfica diferente das outras situações (Fabião, 1998, II: 100-101). Estes exemplares, em termos decorativos, resultariam da fusão entre a tradição do oeste da Península Ibérica e do sul, ou seja, entre a tradição céltica das cerâmicas estampilhadas do Sudoeste e a tradição da chamada cerâmica ibérica no sul da península (Fabião, 1998, II: 82).

Das várias formas de cerâmica estampilhada do Sudoeste da Península Ibérica, resulta a tentativa de Carlos Fabião, na sua tese, em 1998, de propor uma divisão em grupos para se fazer uma distinção entre os diversos tipos cerâmicos, não só nos pontos atrás referidos, mas também em termos cronológicos. Neste caso a cerâmica do Grupo I, por exemplo, seria a mais antiga. Segundo Carlos Fabião (1998, II: 87), baseado nas escavações da Alcáçova de Badajoz, a produção desta cerâmica, provavelmente, teria começado entre a segunda metade do século IV e o século III a.C.

### 2.3.3.1. Formas das estampilhas

Em relação às estampilhas em si, foi proposto por Ruiz Rodríguez e Nocete Calvo (1981: 356-357), um sistema para se classificarem as estampilhas em cerâmica da Idade do Ferro.

<b>A</b>	Formas quadradas e retangulares
<b>B</b>	Formas circulares, elipsóides e ovais
<b>C</b>	Formas triangulares, subtriangulares e ogivais
<b>D</b>	Outras formas que não as geométricas simples

Tabela 4 – Classificação das estampilhas em função da forma<sup>22</sup>.

<b>I</b>	Motivo em eixo	Desenho de tendência longitudinal realizada a partir duma linha ou eixo que pode ocupar a parte mais larga da estampilha, aparecendo por vezes na diagonal. Esse eixo pode apresentar-se cortado por linhas pequenas que reproduzem um pente duplo e que nas formas circulares lembra os nervos de uma folha.
<b>II</b>	Motivo radial	Ponto central, cujo diâmetro varia desde a estampilha em forma de sol e que se apresenta como um disco, até à forma de roda na qual apenas é presumido para se converter apenas no ponto de união dos raios. Inclui-se neste grupo a roseta, ainda que com as distintas espessuras do raio. Nas formas quadradas os vãos entre raios apresentam motivos muito variados, tais como

---

<sup>22</sup> Quadro retirado de Ruiz Rodríguez e Nocete Calvo (1981: 356).

		triângulos, triângulos perfurados, etc.
<b>III</b>	Motivo reticulado	Linhas que se cruzam, aparentando um quadriculado.
<b>IV</b>	Motivo concêntrico	Reproduz a forma da matriz, apresentando ou não um ponto central.
<b>V</b>	Motivo em linhas curvas não fechadas	Inclui as espirais, as volutas e as formas em “c” e em “s”. As espirais podem ser simples ou duplas, sendo estas últimas um “s” cujos extremos terminam numa espiral. Os desenhos em negativo podem ser ocupados por pequenos triângulos, pontos, quadrados, etc.
<b>VI</b>	Motivos em linhas quebradas não fechadas	Ziguezague, a grega e “c” anguloso ou quadrado aberto.
<b>VII</b>	Motivos não representativos	Motivos pouco significativos no conjunto da amostra.
<b>VIII</b>	Motivos figurativos	Inclui as formas antropomórficas e zoomórficas.

Tabela 5 – Classificação das estampilhas em função do desenho no interior<sup>23</sup>.

---

<sup>23</sup> Nota: quadro retirado de Ruiz Rodríguez e Nocete Calvo (1981: 357).

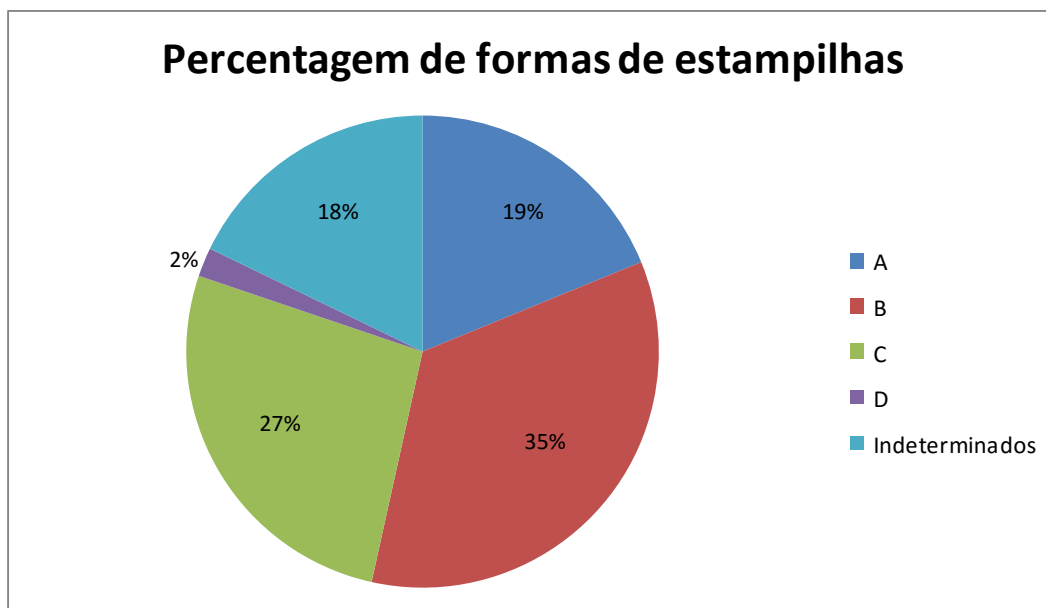


Gráfico 1.

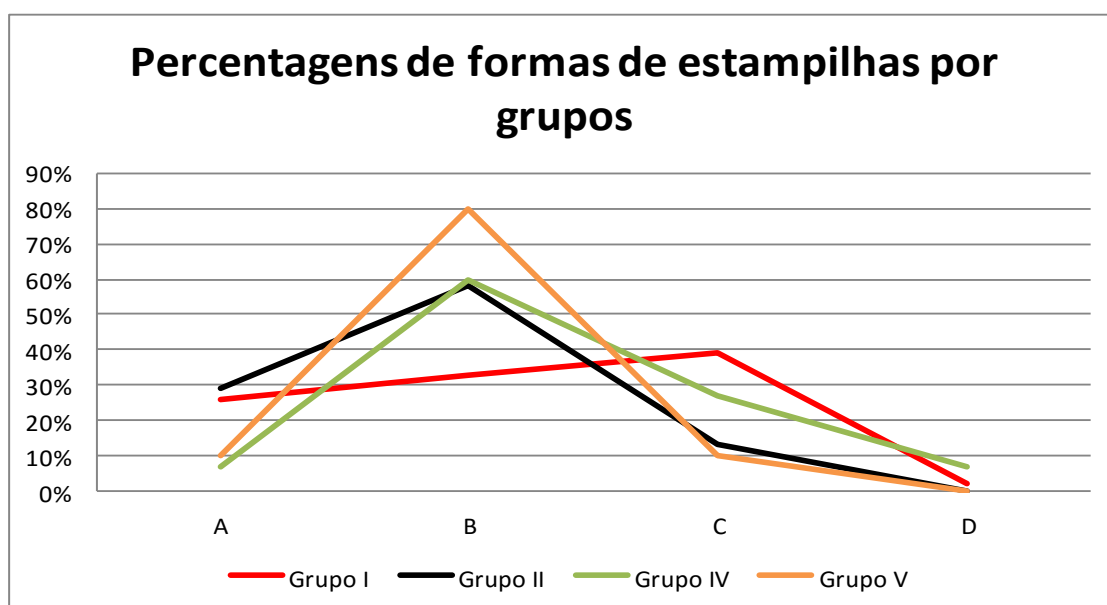


Gráfico 2.

No gráfico 1 (ver pág. anterior) compreende-se que, no total, as formas B (circulares, ovais e elipsóides) e C (triangulares, subtriangulares e ogivais) são as mais numerosas dentro do universo das cerâmicas estampilhadas do DVG guardadas na reserva do CACMB, sobretudo as formas B, com 85 ocorrências, enquanto as formas C contam com 67 ocorrências. As formas A (quadradas e retangulares) e D (outras formas que não as geométricas simples) contam com 47 e 4 ocorrências

respetivamente. Do total de ocorrências, 43 são de leitura insuficiente. No gráfico 2, o grupo I apresenta uma maior percentagem de estampilhas das formas B e C, com 46 e 55 ocorrências respetivamente, seguindo-se as formas A, com 36 casos, e as formas D, com 3 situações. No grupo II as formas A, com 9 casos e B, com 18, são as mais numerosas, seguindo-se as formas C com 4 situações. Em relação ao grupo IV, as formas B são as mais numerosas, com 9 ocorrências, seguidas das formas A, com 1 situação, das formas C, com 4, e as formas D, com 1 caso. No grupo V as formas B registam 8 situações e as formas A e C contam com um caso cada.

A desigualdade em números de exemplares por grupo (149 no grupo I, 32 no grupo II, 12 no grupo IV e 9 no grupo V) tornam a análise menos precisa. Contudo, percentualmente percebe-se que no grupo I as formas mais numerosas são as C, enquanto nos restantes grupos, as formas B são as mais numerosas. Um paralelo com esta situação poderá ser o caso de Cabeça de Vaiamonte, Monforte, onde as “palmetas” e formas circulares constituem a maior percentagem de formas impressas em cerâmica da Idade do Ferro, se bem que no caso das formas circulares, as estampilhas são contabilizadas juntamente com outras impressões realizadas, por exemplo, com objetos naturais ou através de dedadas (Arnaud e Gamito, 1974-77: 167).

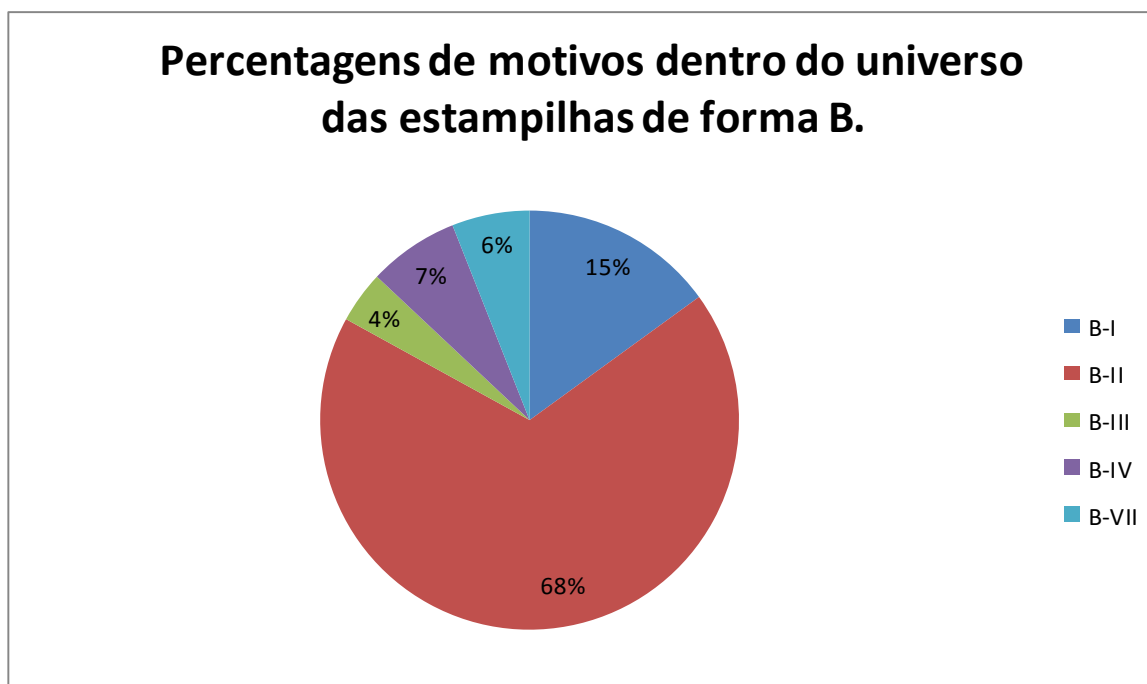


Gráfico 3.

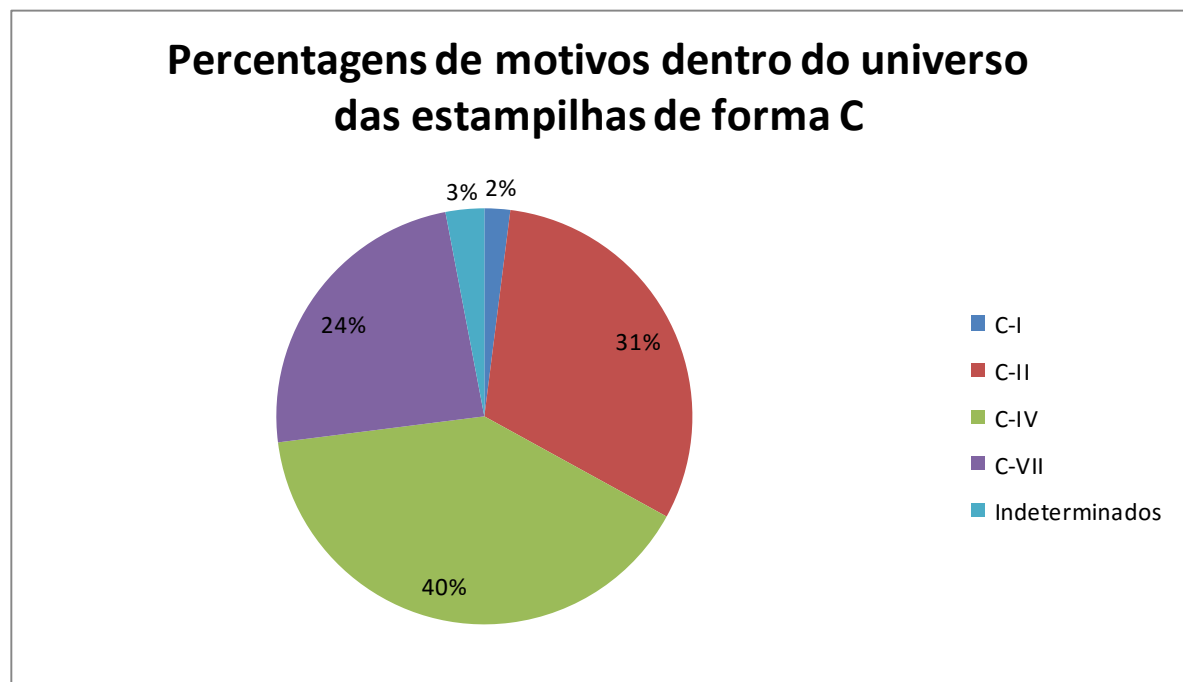


Gráfico 4.

No gráfico 3 verifica-se que, dentro das formas arredondadas, as estampilhas de desenho radial são muito mais numerosas. Os desenhos radiais contam com 58 ocorrências, enquanto as outras situações, todas juntas, contam com 27. Dessas situações, 13 referem-se a motivos em eixo. Em paralelo com esta situação, em Cabeça de Vaiamonte as estampilhas designadas de “palmetas”, correspondendo estas ao tipo B-I (forma elipsóide e motivo em eixo), totalizam, segundo Arnaud e Gamito (1974-77: 167) 32% das matrizes encontradas nesse sítio, possuindo este uma maior proporção de “palmetas” dentre as matrizes estampilhadas comparativamente com o Depósito Votivo de Garvão.

No gráfico 4 os motivos mais numerosos são os de desenho concêntrico, seguidos dos desenhos radiais e dos motivos não representativos. Os primeiros contam com 27 exemplares, enquanto os últimos contam com 21 e 16 casos respetivamente.



### 2.3.3.2. Circunstâncias relacionadas com a aposição

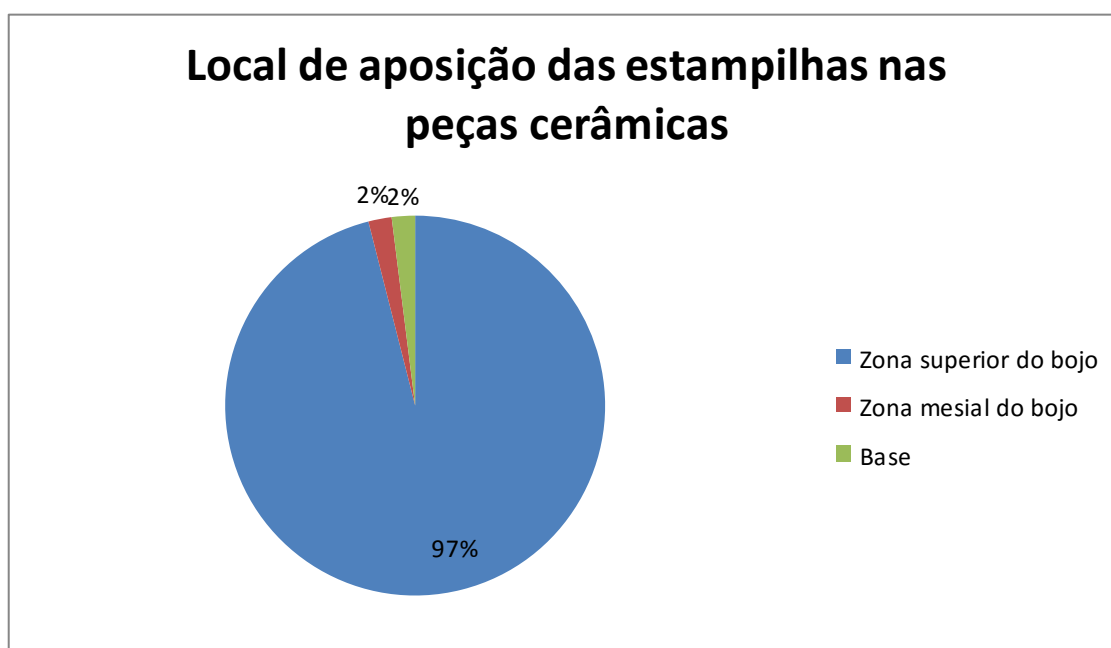


Gráfico 5.

No gráfico 5, os valores apresentados só têm em conta os contentores em relação aos quais pude determinar com segurança o local de aposição das estampilhas. As peças sem informação suficiente contam-se em 161. Duas situações dizem respeito aos testes. Assim sendo, do total de contentores com informação suficiente, 55 dizem respeito à colocação de estampilhas na zona superior do bojo. Um caso diz respeito a uma taça pintada (ver pág. 12) com três rosetas no fundo e a outra situação diz respeito a um vaso pintado a torno (DGA 3059). Carlos Fabião (1998: 98), ao tentar caracterizar o grupo II, baseado, nomeadamente nos achados de Cabeça de Vaiamonte, menciona que as estampilhas se encontram “sempre na parte superior do corpo da peça, imediatamente abaixo do colo.” Com efeito, percebe-se, perfeitamente pelo gráfico 5, que a tendência é as estampilhas estarem colocadas na zona superior da peça, precisamente onde há mais visibilidade. No caso dos vasos, um pouco abaixo do ombro. Regra geral as estampilhas encontram-se dispostas em uma ou mais filas a rodearem a peça.

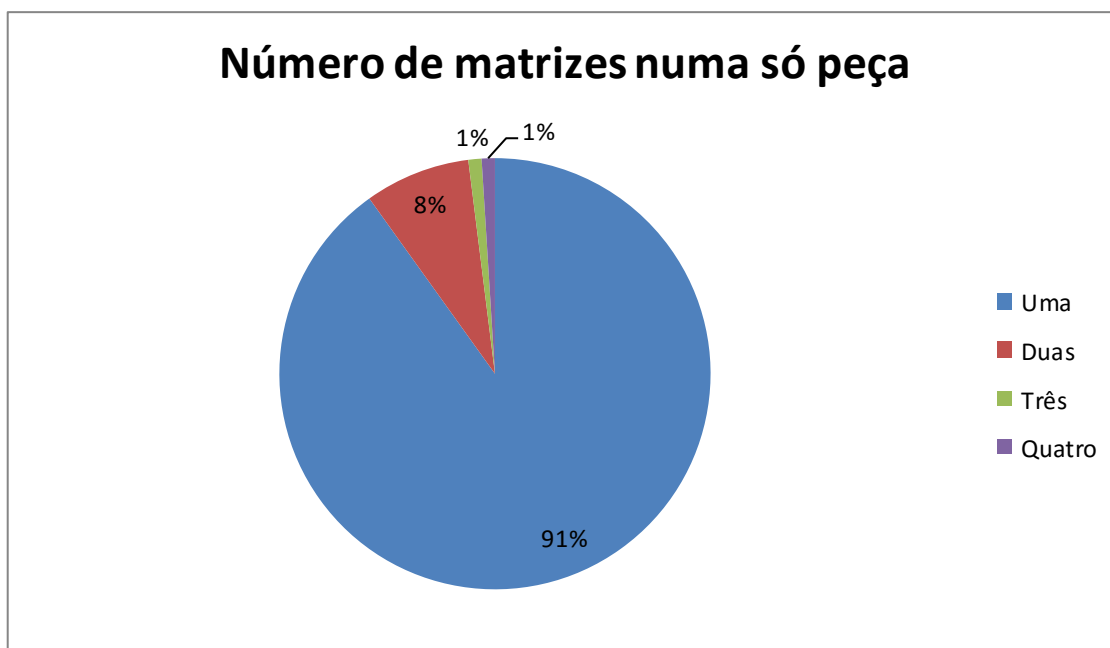


Gráfico 6.

Quanto ao número de matrizes numa só peça, no gráfico 6 verifica-se que a grande maioria das cerâmicas estampilhadas desta amostra apresenta apenas uma matriz (199 exemplares em 220), ou seja, apresenta uma estampilha, ou então várias com a mesma forma. Há, no entanto, uma ressalva a fazer sobre este dado estatístico, no sentido que, das 220 entradas da amostra, 121 possuem apenas um fragmento. Com efeito, sabe-se que a existência de uma só matriz é uma característica comum em cerâmica estampilhada da Idade do Ferro do Sudoeste da Península Ibérica. Por exemplo, no caso das cerâmicas estampilhadas de Cabeça de Vaiamonte, Carlos Fabião (1998: 81) observa serem “menos frequentes os casos em que se verifica a combinação de matrizes diferentes(...)”. Relativamente a Cabeça de Vaiamonte, segundo José Arnaud e Teresa Gamito (1974-77: 171), em relação à composição, “na maior parte dos fragmentos recolhidos verifica-se a utilização de uma única matriz, em repetição linear simples, numa faixa colocada quase sempre um pouco acima da parte mais protuberante do bojo do vaso.”

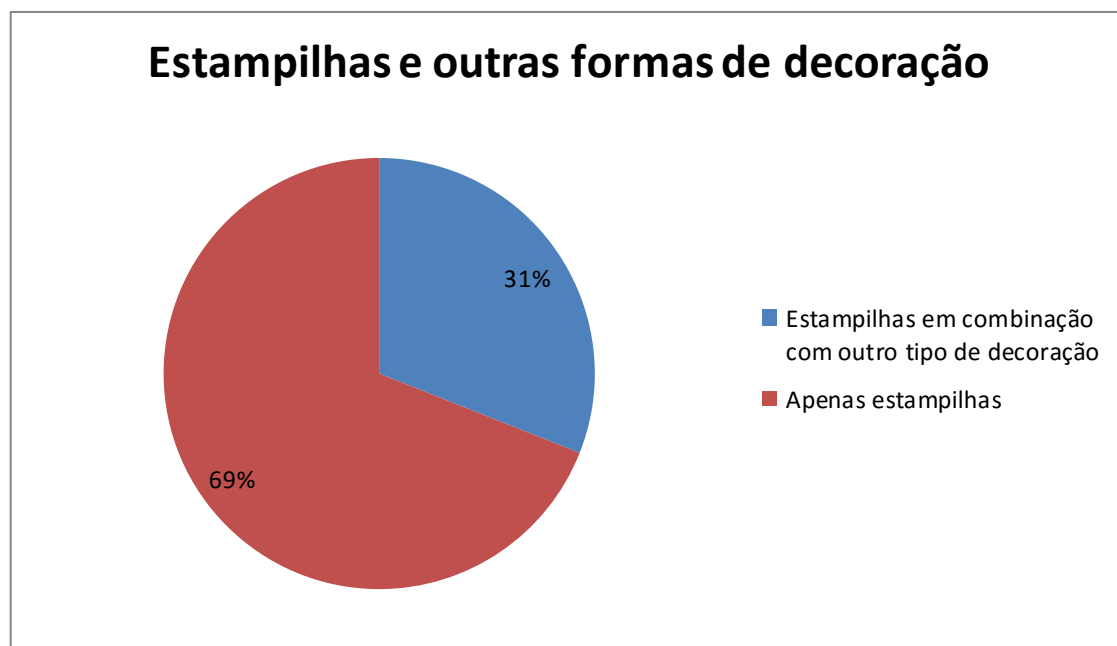


Gráfico 7.

Em relação ao gráfico 7 faz-se a mesma ressalva que no anterior (ver pág. anterior). No entanto, Carlos Fabião na sua tese (1998: 81) menciona o facto de nas estampilhas do grupo I ser pouco frequente a combinação de estampilhas com outras formas de decoração. No caso do grupo IV em particular, obviamente que a questão não se coloca já que nessas cerâmicas a combinação de pintura e impressões é inerente.

Há, contudo, um tipo de elemento dito decorativo que surge em contentores, em geral, de torno lento, estreitamente associado às filas de estampilhas. Esse elemento consiste num ou mais traços incisos realizados em redor da peça, acompanhando paralelamente as filas de impressões. Com base no gráfico 8, constata-se que, num conjunto mais restrito, as cerâmicas com esse traço inciso são minoritárias, constituídas por 48 exemplares (51 se se tiver em conta toda a amostra das peças estampilhadas deste estudo).

### Linhas incisas paralelas a filas de estampilhas, em contentores cerâmicos dos grupos I e II

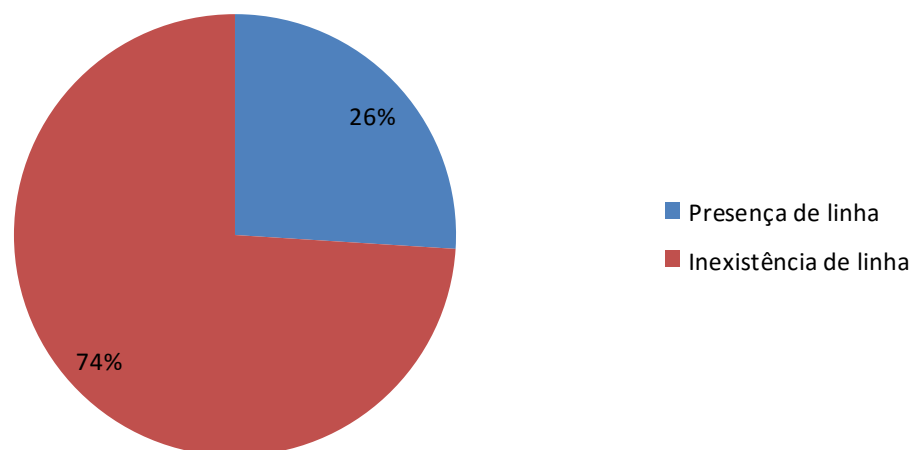


Gráfico 8.

Alguns aspetos destes traços mostram que, muito provavelmente, não teriam uma função decorativa, mas antes serviriam como auxiliares ou guias para a aposição de estampilhas.



Figura 6 – Nesta fotografia de pormenor do DGA 2582, é perceptível a sobreposição das estampilhas em relação ao traço inciso. Mas este não é caso único, existindo outros exemplos como os dos DGAs 2769, 2772 ou 2801, entre outros.

Um desses aspetos é o de, em algumas situações, as estampilhas terem sido parcialmente apostas sobre o traço, prova de que não seria particularmente importante exibir o mesmo. Em casos mais extremos, como o do DGA 2773, as estampilhas são simplesmente colocadas sobre o traço inciso.



Figura 7 – Fotografia de pormenor do DGA 2773.

Ainda em relação ao aspeto da sobreposição, na maioria das situações todas as estampilhas de uma fila são parcialmente sobrepostas ao traço inciso. E sempre da mesma forma, como é o caso do DGA 2769.



Figura 8 – Fotografia de pormenor do DGA 2769.

O outro aspeto detetado sobre estes traços incisos e que demonstra pouca ou nenhuma preocupação estética na exibição dos mesmos é o da existência de situações como as do DGA 2794, na qual o traço inciso apresenta-se de tal modo que dir-se-ia que este teria ficado desencontrado ao rodear a peça. Obviamente não se disfarçou a falha. Outras provas desta pouca preocupação surgem sob a forma de traços parcialmente apagados pelo brunimento da superfície cerâmica.



Figura 9 – Fotografia de pormenor do DGA 2794.



Figura 10 – Fotografia de pormenor do DGA 2770.

Finalmente, acerca deste assunto, das observações que realizei sobre as cerâmicas do estudo, apercebi-me que, em relação aos grandes contentores de torno lento, a tendência era, primeiramente, ser feita a aplicação das estampilhas e depois é que se realizava o alisamento da superfície. Assim, a superfície sobre a qual estão apostas as estampilhas, encontra-se áspera. Mencionar também que traços incisos deste género surgem em grandes contentores com digitações, sendo essas cerâmicas morfológicamente similares aos grandes contentores estampilhados (Fabião, 1998: 79). Em alguns queimadores surgem linhas incisas claramente utilizadas como guias para a realização das excisões.



### 2.3.3.3. Repetições de matrizes

Através da sobreposição dos desenhos das estampilhas, foi possível perceber se uma mesma punção foi aplicada em mais do que uma cerâmica e, em caso afirmativo, quais as matrizes que se repetem e quantas vezes.

Os resultados foram positivos para várias matrizes. Eis uma situação apresentada no quadro que se segue:

DGA	Desenho da estampilha	Características da cerâmica estampilhada
416		Exterior brunido. Coloração avermelhada. Diâmetro do bordo – c. 0,35 m. Outra decoração – linhas incisas, pintura e elementos coroplásticos.
2453	 	Alisada exteriormente. Engobe de coloração acinzentada. Diâmetro do bordo – c. 0,195 m. Outra decoração – linhas incisas.
2487		Desgastada, sobretudo interiormente. Coloração alaranjada. Diâmetro do bordo – c. 0,25 m. Outra decoração – impressões circulares.
2580		Parte exterior brunida. Coloração avermelhada. Diâmetro do bordo – c. 0,375 m.
2584 2809 2872		Brunida exteriormente. Coloração avermelhada. Diâmetro do bordo – c. 0,46 m. Outra decoração – linhas incisas.
2775 (a)		Brunida exteriormente. Coloração alaranjada. Outra decoração – linhas incisas.
2775 (b)		Brunida. Coloração alaranjada. Diâmetro do bordo – c. 0,525 m. Outra decoração – linhas incisas.

2794		Brunida. Com engobe de coloração acinzentada. Outra decoração – linhas incisas.
2795 2806		Brunida exteriormente. Com engobe de coloração acinzentada. Outra decoração – linha incisa.
2805 2860 2928		Exterior brunido. Superfície exterior de coloração avermelhada e interior de coloração acinzentada. Outra decoração – linha incisa.
2807 2808		Exterior brunido. Coloração avermelhada. Outra decoração – linhas incisas.
2810		Exterior brunido e vestígios de engobe. Coloração acastanhada. Outra decoração – linha incisa.
2861/2862		Exterior brunido. Com engobe de coloração acinzentada. Outra decoração – linha incisa.
2922		Exterior alisado. Coloração alaranjada-avermelhada. Outra decoração – linha incisa.
2927/2948		Exterior com sinais de brunimento. Coloração acinzentada-acastanhada. Outra decoração – linha incisa.
2941		Coloração acinzentada no exterior e coloração avermelhada-alaranjada no interior. Outra decoração – linha incisa.
2953		Coloração alaranjada. Outra decoração – linha incisa.

Tabela 6 – Conjunto de estampilhas realizadas com o mesmo punção.



Alguns números de inventário na tabela 6 (ver página *supra*) estão juntos. Sendo tido em conta que muitas das peças estampilhadas são compostas por um ou poucos fragmentos, existe a possibilidade de fragmentos de números diferentes pertencerem a uma mesma peça. Os DGAs que estão juntos é porque se verifica a forte probabilidade dos respetivos fragmentos pertencerem a uma mesma cerâmica, ficando, neste caso, explicada a semelhança entre matrizes.



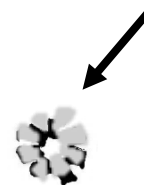
Sobreposição de  
estampilhas dos  
DGAs 416 e 2453.



Sobreposição das  
estampilhas dos  
DGAs 2453 e 2580.



Sobreposição das  
estampilhas dos  
DGAs 2580 e 2775  
(b).



Sobreposição das  
estampilhas dos  
DGAs 2453 e 2487.

Figura 11 – Exemplos de sobreposições de desenhos de estampilhas da tabela 5. Curiosamente, no último exemplo, o das rosetas, foi verificada a ausência de uma ponta no desenho das estampilhas do DGA 2453 em relação às do DGA 2487 e que está assinalada por uma seta.

Ao verificar-se um punção comum para estampilhas de diferentes peças, é possível propor-se que todas estas cerâmicas teriam sido produzidas pela mesma oficina. No entanto, como mais adiante se verá, talvez seja possível aferir alguns aspetos dos punções através desta análise.



Figura 12 – Quatro fotografias de fragmentos dos DGAs 2580, 2584, 2794 e 2795. Em todas as estampilhas surge uma “falha” no canto inferior direito, atestando a utilização de um punção comum para todas as impressões.

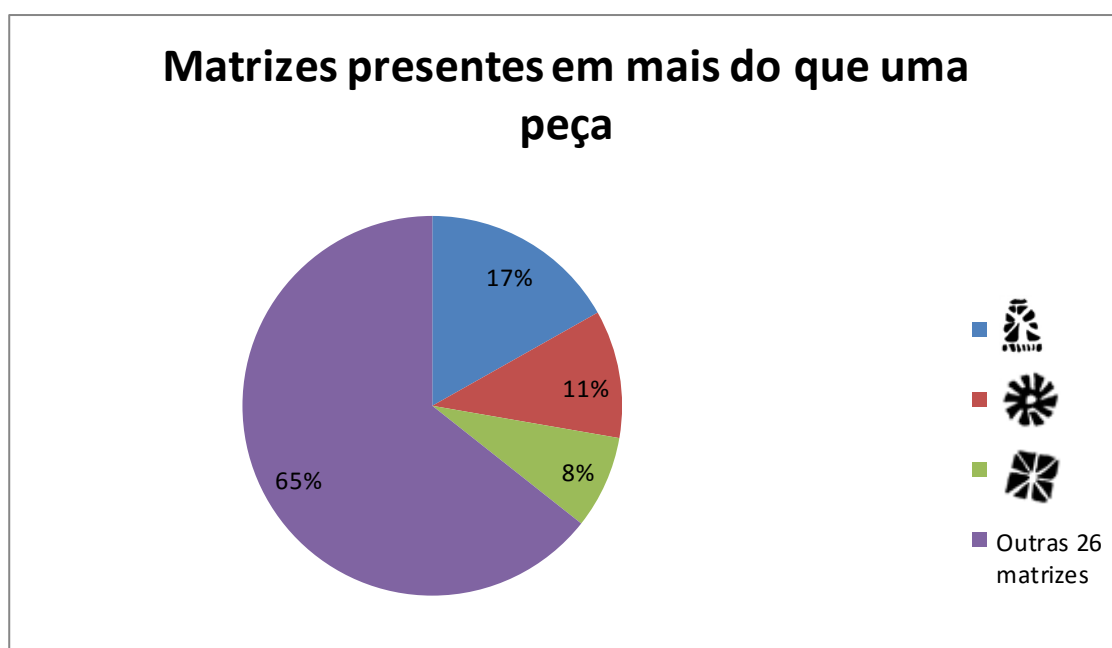


Gráfico 9.

No gráfico 9 apresentam-se as matrizes que surgem em mais de uma peça. É tido em conta a questão dos fragmentos de DGAs diferentes com grande probabilidade de serem da mesma cerâmica. Assim, em 16 artefactos contabilizados, surge uma forma C-II, consistindo esta num subtriângulo preenchido por desenho radial e com uma ou duas franjas na parte mais larga (ver pág. 27, tabela 5). Seguem-se outras duas formas, uma do tipo B-II, que consiste numa roseta e outra do tipo A-II, ou seja, um quadrado com desenho radial (ver pág. *supra*, gráfico 9). As restantes matrizes presentes no gráfico 9 estão distribuídas por 61 peças.

#### 2.3.3.4. Sobre os punções

Em relação aos punções manufaturados (ou matrizes), do estudo bibliográfico retirou-se pouco. Relativamente às estampilhas, ser-me-á difícil retirar conclusões sobre a natureza dos punções utilizados, mas existe pelo menos uma situação na qual é possível verificar-se que, com alguma probabilidade, a matriz seria metálica. No DGA 2854/2855/2856, é possível perceber alguns aspetos muito próprios da decoração estampilhada e da própria cerâmica. As estampilhas são constituídas por motivos que apenas se encontram nesta peça, apresentando esta o único motivo dito antropomórfico do conjunto (BEIRÃO *et al.*, 1985: 76). As estampilhas geométricas, de forma triangular, circular e em grelha, são menos profundas que as das outras cerâmicas. Em relação ao vaso, este apresenta alisamento interno, algo que não se verifica nos outros grandes contentores deste estudo. Tirando o “antropomorfo”, as estampilhas desta cerâmica apresentam no seu interior o desenho de pequenos círculos. O pormenor, com um traço muito característico, faz-me crer na hipótese da matriz em metal. A esse propósito, José Arnaud e Teresa Gamito (1974-77) mencionam três casos em que foram descobertos elementos em relação aos quais foi proposto que fossem matrizes. As três ditas matrizes são em metal e foram encontradas em contextos considerados problemáticos pelos autores. Um dos objetos foi encontrado em Azougada, Moura, em contexto da Idade do Ferro mas sem estar associado a cerâmica estampilhada. Os outros foram encontrados fora do contexto sidérico, um associado a uma povoação do Calcolítico e da Idade do Bronze, no Monte de S. Martinho, em Rio Maior, e o segundo foi achado num dólmen, no Monte do Cabeço, Ponte de Sor (Arnaud e Gamito, 1974-77: 171).

E em relação às outras estampilhas? Posso avançar com algumas propostas, baseando-me nas características das impressões. Em relação aos DGAs 2453 e 2487, como mencionado atrás (ver pág. 40, fig. 11), percebe-se, através da sobreposição, que as estampilhas não só foram realizadas com a mesma matriz, como também esta parece ter sofrido algum dano do DGA 2487 para o DGA 2453. Esta pista poderá não ser suficiente para se perceber de que material é feito o punção, mas ao menos diz-nos que seria algo quebradiço. Observando os casos dos DGAs 2580 e 2794 (ver págs. 27 e

28, tabela 5), é possível perceber que houve algum desgaste da matriz. Também é possível perceber que a mesma foi constituída possivelmente pelo processo de entalhe, fazendo-me crer que o punção fosse constituído talvez em madeira. Retomando a questão do desgaste que se verifica quer nesta matriz, quer no caso da roseta, mencionado na página 40 (ver figura 11), poderá ser constituída uma cronologia relativamente à ordem pela qual as peças foram constituídas. Ter em atenção, no entanto, que um mesmo punção não terá sido sempre pressionado da mesma forma ou com a mesma força.



Figura 13 – Fotografias das estampilhas dos DGAs 2580 e 2794, respetivamente.

Outro caso que chama a atenção é o das estampilhas de forma circular do DGA 2572. Cada uma das estampilhas é acompanhada por uma pequena impressão elipsóide. Poderia achar-se que a matriz fosse similar a um caso encontrado em Freiria, Cascais, consistindo este num possível punção, com forma circular e constituído em cerâmica (Cardoso, 2004: 266). Contudo esta impressão elipsóide faz perceber que talvez a matriz usada não fosse redonda, apesar de produzir estampilhas circulares (ver figura 14).



Figura 14 – Estampilhas do DGA 2572. Na fotografia é possível verem-se umas pequenas impressões (assinaladas pelas setas) que acompanham as estampilhas.

Relativamente ao DGA 2581, um teste, as estampilhas circulares que possui, pelo seu desenho, encaixam numa explicação dada por Carlos Fabião (1998, II: 106) em relação a impressões circulares achadas em Mesas do Castelinho. Propôs o autor que o punção usada neste caso fosse em osso ou em madeira.



Figura 15 – Estampilha do DGA 2581.

Para além das formas impressas do DGA 2581, com este desenho, podem ser mencionadas ainda as estampilhas dos DGAs 2768, 2842, 2864, 2891 e 2961.

Uma forma de ajudar a resolver esta problemática seria fazer algumas experiências em cerâmica através do puncionamento de vários materiais sobre o barro e comparar as características das impressões daí resultantes com as estampilhas da Idade do Ferro.

### 2.3.3.5. Anotação final sobre impressões digitais

Neste último capítulo aborda-se um conjunto de evidências presentes em algumas das cerâmicas estampilhadas estudadas: as impressões digitais impressas em algumas peças. Encontram-se em peças de torno lento, com menor regularidade e de carácter eminentemente manual. Localizam-se sobretudo no interior do contentor, não estando esta zona da peça sujeita a nenhum processo de alisamento da superfície ao contrário da parte exterior. As impressões digitais concentram-se essencialmente na zona correspondente ao local de aposição das estampilhas, o que parece relacionar-se com a necessidade do oleiro de segurar a peça a meia secagem, com firmeza com uma mão, enquanto com a outra aplicava a matriz.

Mas haverá alguma utilidade em referir este aspeto? Sobre identificar alguém, como num trabalho policial, não. Mas talvez, à semelhança da comparação entre estampilhas, se possa perceber relações entre cerâmicas, sobretudo em espólios numerosos como o do Depósito Votivo de Garvão.

Eis a seguinte situação: sem meios para conseguir fazer uma observação mais exata, apercebi-me de um possível caso em que podia relacionar algumas peças. Digo possível porque com mais probabilidade as observações, apenas superficiais, podem estar erradas. Mas serve de exemplo para aquilo que pretendo demonstrar.

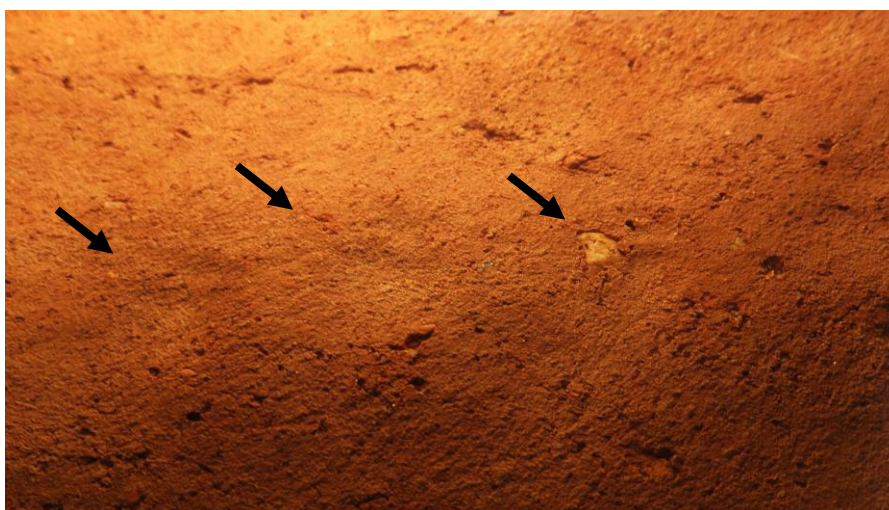


Figura 16 – As setas assinalam um detalhe em impressões digitais no DGA 2967.



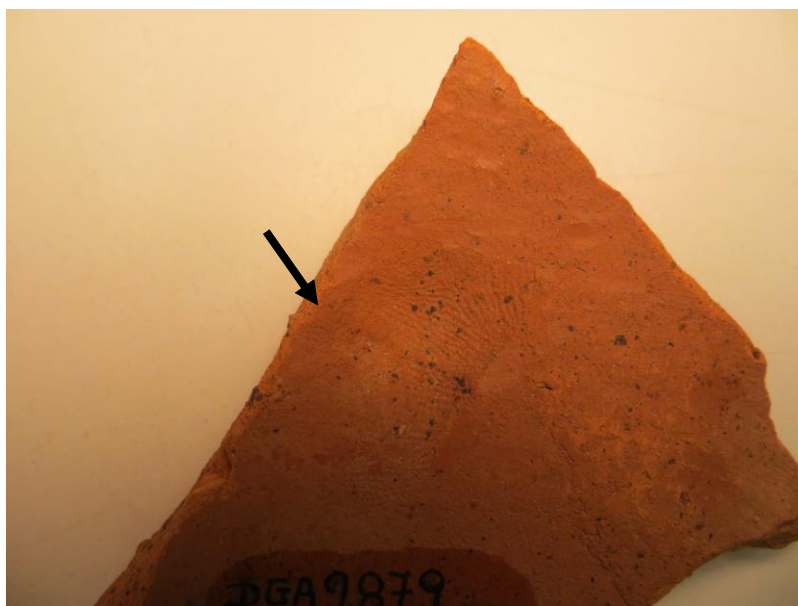


Figura 17 – Detalhe de impressão digital assinalado pela seta, no DGA 2879.

O caso é o seguinte: num grupo de impressões digitais encontradas, apercebi-me de um relevo que atravessa longitudinalmente as mesmas, como se se tratasse de uma cicatriz. Os casos abrangem os seguintes DGAs, quase todos grandes contentores: DGA 2449, DGA 2770, DGA 2839, DGA 2879, DGA 2955 e DGA 2967. Curiosamente o DGA 2449 corresponde precisamente a fragmentos da “urna” de orelhetas. Poderia ser apenas um acaso, mas como referi atrás, poderia ser uma forma de relacionar diferentes peças cerâmicas com um mesmo oleiro que as produziu.



## CONCLUSÃO

No âmbito deste estágio, foi-me dada a possibilidade de elaborar um estudo sobre a cerâmica estampilhada do Depósito Votivo de Garvão, em reserva no CACMB. No decorrer desse estudo, foram recolhidos e elaborados dados sobre 220 exemplares cerâmicos, aos quais acrescem 100 com decoração impressa, sobretudo de cariz manual. No entanto, o foco foi centrado nas peças estampilhadas. A recolha e tratamento de dados compreendeu a execução de registo gráfico dos motivos decorativos. Ficou em falta o desenho da decoração de uma das peças, que se encontrava ainda em análise no Laboratório HERCULES da Universidade de Évora, no âmbito de um projeto de investigação em parceria deste Laboratório com CEAACP da Universidade de Coimbra. Os desenhos poderão vir a ser integrados nos elementos gráficos da exposição a inaugurar em breve no CACMB.

Relativamente à decoração feita com punções simples, que não foram manufaturados mas simplesmente coletados, podem ser feitas algumas observações. Percebeu-se que, em vários casos, para além dos pequenos paus, dos ossos e outros elementos, como punções terão sido usados cápsulas de malva e/ou esteva, bem como sementes de cereal. Creio que um estudo em arqueobotânica destas impressões poderia ser útil em termos do conhecimento sobre estas cerâmicas manuais e sobre o período sidérico. Em duas situações, identificou-se também a utilização de cascas de gastrópodes.

De todas as outras cerâmicas impressas, que não as estampilhadas, 80 apresentam impressões classificadas como “naturais”, ou seja, feitas com punções coletados em áreas do nicho ecológico do artesanato.

Dez exemplares apresentam decoração impressa em relação à qual se desconhece a natureza do elemento usado para a impressão, sendo estes casos classificados como “indefinidos”.

Sete exemplares apresentam impressões digitadas. Finalmente, quatro outros apresentam decoração impressa, ungulada.

Em todas as cerâmicas impressas existe uma questão importante, mas que talvez fique sem uma solução definitiva: qual o significado destas impressões? Em primeiro lugar, há que descriminar as diferentes formas de impressão, tendo em conta a diferença morfológica das cerâmicas (potes manuais impressos, por um lado, e, por outro, grandes contentores estampilhados elaborados a torno lento, por exemplo); eventuais especificidades quanto ao significado das estampilhas, ou o simples facto de uma matriz, ao contrário dos punções simples, ser manufaturada.

Em segundo lugar, com base na morfologia das peças, perceber se existe alguma conexão entre o uso dado a uma peça e a decoração que eventualmente esta ostenta. No caso dos grandes contentores estampilhados existem várias propostas.

Carlos Fabião refere uma proposta que defende que as estampilhas serviriam para identificar um centro produtor de cerâmica (Fabião, 1998, II: 91), algo similar ao que aconteceria mais tarde com produções romanas estampilhadas.

Outra proposta, avançada por José Arnaud e Teresa Júdice Gamito, é a de que, num contexto de comércio de média e longa distância, as estampilhas serviriam como rotulagem para se identificarem os produtos contidos nos vasos ou para se identificar o comerciante (Arnaud e Gamito, 1974-77: 199).

Alternativamente, há também a hipótese de as estampilhas terem servido para identificar a pertença dos vasos contentores a determinado grupo familiar (Fabião, 1998, II: 92).

A matéria não parece ter sido categoricamente definida. Contudo, a argumentação de Carlos Fabião (Fabião, 1998, II: 91) contra as propostas envolvendo a componente comercial afiguram-se bastante convincentes, para além de que a proposta das estampilhas como identificador de propriedade pareça apelativa num contexto das sociedades da II Idade do Ferro.

Relativamente a esta última hipótese, existe um dado recolhido no estudo por mim realizado no CACMB e que é o da relação direta entre um vaso que combina figuras coroplásticas, pintura e estampilhas e outros vasos apenas com as formas estampilhadas. Todos estes partilham o uso da mesma matriz. Ora, seria um vaso com uma decoração tão elaborada sido usado como contentor de mercadoria? E se

determinada matriz foi aplicada neste vaso, o que dizer, com base nesse facto, dos restantes contentores estampilhados? E qual a relação entre uma taça de pequenas dimensões (DGA 2750), de forma elaborada, que inclui uma aba próxima do bordo e de acabamento cuidado, com um fragmento de bojo de um grande contentor (DGA 2772), sendo que ambas as peças partilham da aplicação de uma mesma matriz? Ou ainda a relação entre um pequeno vaso (DGA 2487) e um grande contentor (DGA 2453)?

Para Carlos Fabião (1998) a hipótese “comercial” só faria sentido no caso das peças estampilhadas dos grupos III, IV e V, nas quais a decoração impressa era aplicada como forma de identificar qual a oficina que as produziu. Mas com base nos dados recolhidos neste estudo, eventualmente não seria essa a explicação para todas as cerâmicas estampilhadas?

Deste modo, e como corolário do estágio realizado no CACMB, não só se apuraram os contornos práticos do exercício da disciplina, como se experimentou o despontar das reflexões científicas suscitadas pelo desempenho de tarefas aparentemente menores em termos de teoria em arqueologia. Um e outro aspecto, permitidos pela abordagem directa de uma parcela de um espólio valioso em significado como o do Depósito Votivo de Garvão, acabam por validar não só o modelo académico escolhido, como por demonstrar e consagrar a utilidade de uma instituição com as características do CACMB.

## BIBLIOGRAFIA

ALBERGARIA, João; Samuel Melro; Ana Cristina Ramos (2000) “Escavações arqueológicas no Castelo das Juntas (Moura)”, *Era Arqueológica*, Colibri, n.º 1: 38-51.

AMO DE LA HERA, Mariano del (1970) “La cerámica campaniense de importación y las imitaciones campanienses en Ibiza”, *Trabajos de Prehistoria*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas: Departamento de Prehistoria: Instituto Español de Prehistoria, vol. 27, n.º 1: 201-258.

ARNAUD, José Morais (1968) “«Castelo Velho» de Veiros (Estremoz). Notícia da sua identificação”, *Revista de Guimarães*. Guimarães. LXXVIII, 1-2: 61-76.

ARNAUD, José Morais (1970) “O «Castelo Velho» de Veiros (Estremoz): campanha preliminar de escavações de 1969”, *Actas das I Jornadas Arqueológicas*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, vol. II: 309-328.

ARNAUD, José Morais; Teresa Júdice Gamito (1974-77) “Cerâmicas estampilhadas da Idade do Ferro do sul de Portugal: I – Cabeça de Vaiamonte, Monforte”, *O Arqueólogo Português*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, Série 3, vol. 7-9: 165-202.

BEIRÃO, Caetano de Mello; Carlos Tavares da Silva; Joaquina Soares; Mário Varela Gomes; Rosa Varela Gomes (1985) “Depósito votivo da II Idade do Ferro de Garvão – Notícia da primeira campanha de escavações”, *O Arqueólogo Português*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, Série IV, vol. 3: 45-136.

BRAGA, José M. Rodrigues; António M. Monge Soares (1981) “Indícios de uma ocupação da Segunda Idade do Ferro no Castelo de Serpa”, *Arqueologia*, Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto, n.º 4: 116-123.

CALADO, Manuel João Maio (2002) “Povoamento Pré- e Proto-Histórico da Margem Direita do Guadiana. Blocos 2 e 8”, *Al-madan*, Centro de Arqueologia de Almada, 2.ª série, vol. 11: 122-127.

CALADO, Manuel João Maio; Manuel Pisco Barradas; Rui Jorge Lopes Mataloto (1999) “Povoamento Proto-histórico no Alentejo Central”, *Revista de Guimarães*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento, vol. 1: 363-386.

CALADO, Manuel João Maio; Rui Jorge Lopes Mataloto; A. Rocha (2007) “Povoamento proto-histórico na margem direita do regolfo de Alqueva (Alentejo, Portugal)”, *Arqueología de la tierra: paisajes rurales de la protohistoria peninsular: VI curso de verano internacionales de la Universidad de Extremadura (Castuera, 5-8 de julio de 2005)*. Cáceres: Servicio de Publicaciones: Universidad de Extremadura: 129-179.

CARDOSO, João Luís (2004) "A Baixa Estremadura dos finais do IV milénio a.C. até à chegada dos romanos: um ensaio de história regional", *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, Câmara Municipal de Oeiras, vol. 12.

CARVALHO, António Faustino (2008) “Cerâmica estampilhada do abrigo da Pena d’Água (Torres Novas): contexto, cronologia e breve enquadramento regional”, *Sic memorat. Estudos em homenagem a Teresa Júdice Gamito*. Faro: Universidade do Algarve: 53-68.

COSTA, A. I. Marques da (1910) "Estações prehistoricas dos arredores de Setúbal: appendice: Homem protohistorico: idades do bronze e do ferro no Castro de Chibanes: (conclusão)", *O Archeólogo Português*. Lisboa: Imprensa Nacional, vol. XV, n.º 1-12: 55-83, XII f. est.

COSTA, Paulo Ferreira da (coord.) (2007) *Normas de inventário – cerâmica utilitária (arqueologia)*, Instituto dos Museus e da Conservação.

DIOGO, A. M. Dias; João C. Lázaro Faria (1987) "Cerâmica estampilhada da Idade do Ferro, proveniente de Alcácer do Sal", *Arqueologia*, Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto: n.º 16: 95-96.

ESTRELA, Susana Maria Gonçalves (2010) *Os níveis fundacionais da Idade do Ferro de Mesas do Castelinho (Almodôvar). Os contextos arqueológicos na (re)construção do povoado*, Universidade de Lisboa, vol. II.

FABIÃO, Carlos Jorge Gonçalves Soares (1998) *O Mundo Indígena e a sua Romanização na área céltica do território hoje português*, Universidade de Lisboa, vols. 2 e 3.

GAMITO, Teresa Júdice (1996b) "A cerâmica estampilhada", *De Ulisses a Viriato. O primeiro milénio a.C.* Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia: 112-117.

GIBSON, C.; V. H. Correia; C. B. Burgess; Sheila Boardmann (1998) "Alto do Castelinho da Serra (Montemor-o-Novo, Évora, Portugal). A preliminary report on the excavations at the Late Bronze Age to Medieval site, 1990-1993", *Journal of Iberian Archaeology*. Porto: ADECAP: vol. 0: 189-244.

KIMMIG, Wolfgang (1974) "Zum Fragment eines Este Gefasses von der Heunburg aus der Donau", *Hamburger Beiträge zur Archäologie: Veröffentlichungen des Archäologischen Instituts der Universität Hamburg, Arbeitsbereiche Europäische Vor- und Frühgeschichte und Klassische Archäologie*, Archäologisches Institut: Universität Hamburg: vol. IV: 33-96.

LAMBOGLIA, Nino (1952) "Per una classificazione preliminare della ceramica campana", *Atti del I.º Congresso Internazionale di Studi Liguri*, 138-206.

NIVEAU DE VILLEDARY Y MARIÑAS, Ana María (2003) *Las cerámicas gaditanas "tipo Kuass": bases para el análisis de la Bahía de Cádiz en época púnica*. Madrid: Real Academia de la Historia/Cádiz: Universidad de Cádiz.

PARREIRA, Rui; Luis Berrocal Rangel (1990) "O povoado da II Idade do Ferro da Herdade do Pomar (Ervidel, Aljustrel)", *Conimbriga*, Instituto de Arqueologia: Faculdade de Letras: Universidade de Coimbra, vol. XXIX: 39-58.

PEREIRA, Teresa Rita (2013) "Por um fio: tipologia e função do conjunto de cossoiros de Cabeça de Vaia Monte (Monforte/Portugal)", *Arqueologia em Portugal – 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses: 681-691.

PÉREZ BALLESTER, José (2003) "La cerámica de barniz negro", *Cerámicas hispanorromanas. Un estado de la cuestión*, Universidad de Cádiz: 265-274.

RUIZ RODRÍGUEZ; Francisco Nocete Calvo (1981) "Un modelo sincrónico para el análisis de la producción de cerámica ibérica estampilhada del Alto Guadalquivir", *Cuadernos de Prehistoria de la Universidad de Granada*. Granada: n.º 6: 355-383.

SILVA, Carlos Tavares da (1978) “Ocupação da II Idade do Ferro da Pedra da Atalaia (Santiago do Cacém)”, *Setúbal Arqueológica*, Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, vol. IV: 117-132.

SOARES, António M. Monge; José Rodrigues Braga (1986) “Balanço provisório da intervenção arqueológica já realizada no Castelo de Serpa”, *Arquivo de Beja*, Câmara Municipal de Beja, 2.ª série, vol. III: 167-198.

SOARES, Joaquina; Carlos Tavares da Silva (1979) “Cerâmica pré-romana de Miróbriga (Santiago do Cacém)”, *Setúbal Arqueológica*, Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, vol. V: 159-184.



## FONTES

Decreto-Lei n.º 164/2014, de 4 de novembro.

Protocolo entre o Município de Ourique, a Direcção Regional de Cultura do Alentejo e a Universidade de Évora para o funcionamento do Centro de Arqueologia Caetano de Mello Beirão.

Projeto GODESS. Disponível em <http://www.hercules.uevora.pt/projetos/godess.php>, data de consulta a 11-10-2015.

Google Maps. Disponível em <https://www.google.pt/maps/place/R.+do+Castelo+7,+7670/@37.7091204,8.3441933,323m/data=!3m2!1e3!4b1!4m7!1m4!3m3!1s0xd1a57b7a784c3cf:0x75b83dd8effab4cc!2sRua+25+de+Abril,+7670!3b1!3m1!1s0xd1a57b729664cd5:0x13527978dd76f68>, data de consulta a 28-08-2015.

DGPC / Portal do Arqueólogo / Baldio. Disponível em <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=55660>, data de consulta a 29-08-2015.

DGPC / Portal do Arqueólogo / Cerro da Vila 1/Cerca do Adro. Disponível em <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=165989>, data de consulta a 30-08-2015.

DGPC / Portal do Arqueólogo / Igreja de Nossa Senhora da Vila Velha. Disponível em <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=57403>, data de consulta a 30-08-2015.

DGPC / Portal do Arqueólogo / Malhada do Biterres 2. Disponível em <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=3021027>, data de consulta a 30-08-2015.

DGPC / Portal do Arqueólogo / Pisões 5. Disponível em <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=3021515>, data de consulta a 31-08-2015.

DGPC / Portal do Arqueólogo / Safarejo. Disponível em <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=53684>, data de consulta a 31-08-2015.

DGPC / Portal do Arqueólogo / Serpa 1. Disponível em <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=56933>, data de consulta a 31-08-2015.

Rádio Pax. Disponível em <http://www.radiopax.com/index.php?go=noticias&id=1787>, data de consulta a 24-02-2016.

ATALAIA – Associação dos Amigos da Cultura e das Artes. Disponível em <http://atalaiaartes.weebly.com/>.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Entrada do Centro de Arqueologia Caetano de Mello Beirão .....	2
Figura 2 – Cartaz sobre o seminário “Cultura 2020: antes agir que reagir” .....	6
Figura 3 – Vista aérea do Depósito Votivo de Garvão. Fonte: Google Maps ....	8
Figura 4 – Planta do sítio arqueológico do Depósito Votivo de Garvão .....	10
Figura 5 – Matriz de Harris .....	11
Figura 6 – Fotografia de pormenor do DGA 2582 .....	37
Figura 7 – Fotografia de pormenor do DGA 2773 .....	38
Figura 8 – Fotografia de pormenor do DGA 2769 .....	38
Figura 9 – Fotografia de pormenor do DGA 2794 .....	39
Figura 10 – Fotografia de pormenor do DGA 2770 .....	39
Figura 11 – Exemplos de sobreposições de desenhos de estampilhas .....	42
Figura 12 – Quatro fotografias de cerâmicas com estampilhas.....	43
Figura 13 – Fotografias das estampilhas dos DGAs 2580 e 2794.....	46
Figura 14 – Fotografia das estampilhas do DGA 2572 .....	47
Figura 15 – Fotografia de uma estampilha do DGA 2581 .....	47
Figura 16 – Detalhe em impressões digitais no DGA 2967 .....	48
Figura 17 – Detalhe de impressão digital no DGA 2879.....	49

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Cerâmica estampilhada do grupo IV .....	21
Tabela 2 – Cerâmica estampilhada do grupo V .....	24
Tabela 3 – Grandes contentores a torno lento estampilhados .....	26
Tabela 4 – Classificação das estampilhas em função da forma .....	29
Tabela 5 – Classificação das estampilhas em função do desenho.....	29
Tabela 6 – Conjunto de estampilhas realizadas com o mesmo punção.....	40

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Percentagem de formas de estampilhas .....	31
Gráfico 2 – Percentagens de formas de estampilhas por grupos .....	31
Gráfico 3 – Motivos dentro do universo das estampilhas de forma B .....	32
Gráfico 4 – Motivos dentro do universo das estampilhas de forma C .....	33
Gráfico 5 – Conjunto de estampilhas realizadas com o mesmo punção.....	34
Gráfico 6 – Número de matrizes numa só peça .....	35
Gráfico 7 – Estampilhas e outras formas de decoração.....	36
Gráfico 8 – Linhas incisas paralelas a filas de estampilhas.....	37
Gráfico 9 – Matrizes presentes em mais do que uma peça.....	43